

COELHO NETTO
CANTEIRO DE SAUDADES

A felicidade é maior
da vida.

CANTEIRO DE SAUDADES

Feito em
1700



COELHO NETTO

COELHO NETTO

CANTEIRO

DE

SAUDADES



José Meneses
Julho - 19

PORTO

Livraria Chardron, de Lello & Irmão, L.^{da}
editores — Rua das Carmelitas, 144

1927

O que me resta

No principio era a noite.

Como lembrar-me do que se passou durante o somno? Antes, porém, de amanhecer já eu estava acordado e, pouco a pouco, ao entreluzir d'alva, fui distinguindo os primeiros aspectos da natureza e ouvi o hymno da manhan, essa symphonia de sons tão varios e de tantas vozes claras a que chamam alvorada.

Rompeu o sol, o ar encheu-se de passarinhos e eu vi, livres da névoa, as arvores em flôr, e vi, scintillando,

as aguas crystallinas e as do mar verde, tremulas. Respirei arômas e as palavras, que, até então, me soavam vãs, animaram-se de sentido e eu as comprehendí e repeti.

Puz-me a andar e a correr pela cidade da Vida e tudo me era propício e deslumbrava-me. Os caminhos eram macios, sempre faceis e alegres.

Brincavam commigo todos os seres e as proprias coisas : os meninos da minha idade e os velhinhos, os animaes, os ramos das arvores, as flôres, as aguas ligeiras das correntes e as ondas do mar.

Eu tinha o mundo por meu, todo elle : desde a terra até lá em cima, o céu, com o sol, de dia, e á noite com a lua e as estrellas pequeninas.

Assim foi emquanto longos cabellos de ouro rolaram em cachos

por meus hombros, emquanto vivi á sombra de minha mãe, instruindo-me em contos maravilhosos.

Um dia, porém, cortaram-me os cabellos dizendo-me que assim faziam porque era tempo de eu entrar no collegio.

O collegio! . . .

Pois era aquelle casarão escuro e humido? Era ali que eu devia aprender, com um homem carrancudo, sempre a ralhar, a ameaçar os alumnos, chamando-os, de instante a instante, a bolos? Alguns havia tão pequeninos, que, ao se apresentarem para o castigo, estendiam ao mestre as mãos ambas e, ainda assim, sobrava palmaria.

Era aquillo o collegio! Uma sombra cresceu diante de mim e puz-me a chorar com medo.

A' tardinha, ao sahir, outra me

pareceu a cidade, outro o céu, outra a gente.

Um menino, mais forte do que eu, não me lembro porque, agarrou-me com brutalidade, rugindo-me insultos, levou-me d'encontro á parede e esmurrou-me, rasgou-me a roupa e foi-se a rir bravamente, deixando-me a chorar.

Ao chegar á casa, roto, desalinhado, com a ardosia partida, disse a verdade. Não me deram credito e ainda me castigaram.

Foi essa a primeira injustiça que soffri.

Desde então, convencido de que a verdade não salva, vali-me da Mentira. E foi ella que me levou ao mau caminho onde encontrei os Vícios. Quantos! e como eram alegres! como se divertiam!

Mal me avistaram, correram todos a mim, cercaram-me e, dando-se

as mãos, envolveram-me, pondo-se a dançar em roda e a cantar, estonteando-me.

Não sei que me teria acontecido se minha mãe, que tinha, como todas as mãis, o poder magico de adivinhar, presentindo a minha perdição, não me houvesse acudido a tempo, arrebatando-me á farandula.

Mas não havia de ser só isso, porque, na vida real, mais do que nas historias encantadas, ha perigos e monstros que nos attrahem e perseguem, insidias que nos enlçam, sortilegios que nos demudam, bruxas que nos enfeitiçam.

Quantos, do meu tempo, ficaram por ahi transformados em rochas aridas, quantos em animaes damninhos, quantos encarcerados ou reduzidos a miseria, todos victimas dos Vicios que me haviam cercado, ou de feitiços e adversias !

O meu erro (erro de muitos) foi ter deixado a estrada real, enveredando por atalhos que iam ter a bosques onde tudo era alegria e festa.

Da primeira vez sahi numa clareira onde se achavam reunidos cavalleiros de armas brancas, que iam assediar e arrasar um castello ferrenho, onde gemiam prisioneiros acorrentados. Fui com elles e vencemos cantando.

Grande e formosa peleja !

Deu-nos a victoria alento para novos feitos e, sem descanso da primeira investida, arrojamo-nos á outra e, com o mesmo animo com que haviamos atacado e esvasiado ergastulos, puzemos cerco á cidade onde não entrava luz.

Infelizmente, porém, em vez de inscrever meu nome nas pedras limosas, que desmontamos, fiquei a

gosar o triumpho e, quando foi o momento da distribuição do espólio, outros se apresentaram, outros que se não haviam arriscado, aguardando, de longe, o resultado da aventura, e levaram o que de melhor havia.

Sentindo, então, a injustiça, tornei á estrada, que deixara pelos carreiros da brenha.

Foi quando comprehendí que, com o transvio em que me aberrara, não só perdera passos como me deixara burlar por outros mais sagazes.

Nem sempre a caça é de quem a levanta e mira, senão de quem a recolhe sornateiramente. Mau é o caçador que vai sem perdigueiro ao campo, para que busque nas silvas o que seu tiro abate.

Por que me havia eu desviado do meu interesse para seguir caval-

leiros de sonho ? Outros, mais prudentes do que eu, não se haviam illudido com as vozes encantadas, proseguindo, em marcha direita, pela estrada real, recolhendo os frutos das arvores, o ouro da terra e das areias humidas e as gemmas que rolam nos corregos e encalham nas luras.

Eu, na minha passagem tardia, apenas encontrei cascas de frutos, seixos e carcão. Pois não estava a estrada a reluzir, micante, crivada de piscas diamantinas e de palhetas de ouro, por que buscar scintillações de estrellas nagua e fogos ephemeros em tumulos ? Não estava a Fortuna em meu caminho, por que deixá-la por seducções da breinha ?

Por que preterir a terra pelas nuvens, os pregões de negocios por hymnos e cantares ? o fruto pela

flôr ? o amor pela amizade ? o util pelo Bello ? a tranquillidade pela aventura ? o interesse pela Gloria ? Hoje, voltando os olhos á estrada que deixei por trilhas invias e escabrosas, lastimo o muito que perdi.

Agora é tarde para recuperar o que se foi, com o tempo.

A caravana dos dias passa uma só vez, feliz de quem a espera no caminho e segue-a.

Lembranças apenas me restaram, plantei-as num canteiro e floriram. São as economias que fiz na vida, saudades, milhões do meu cofre, fortuna do meu coração.

Vida e morte

Ninguém procure lembrar-se desse instante de que não fica vestígio na memória, como não deixa sulco no ar a luz que o scinde e aclara. Vida, irman da Morte, sabe-se lá como desabrochas!

Como se nasce! Que impressão se recebe ao entrar no mundo? Será de espanto ou de dôr o grito que, parecendo choro, repercute em alegria no coração das mãis?

Porque não se conserva lembrança dessa hora inicial em que se emerge do amor á tona do martyrio?

Porque não se ha de ver na madrugada, quando a Natureza vibra em força fecunda e, orvalhada, sorri nas corollas abertas ?

Nascer — quem se recorda do que foi essa victoria ? Morrer, quem imagina o que será essa derrota ?

O estertor da agonia não será, como o grito do nascimento: uma expressão de jubilo ? este, o clamor triumphal pelo surto na Luz ; aquelle, o suspiro de allivio pelo regresso á Treva ?

Porque, entre tantas flôres, por mais que eu busque no meu *Canteiro de saudades*, não encontro a que desabrochou no principio ? Como encontrá-la se, nessa hora indecisa, eu ainda pairava, hesitante, entre a vida e a morte ?

A semente só vinga quando se acama no sólo e o sólo em que florece a saudade é a memoria,

ilha de recordações que surge na vastidão do Tempo, como as que se formam no oceano sobre rochedos nús, a grão e grão de terra, algas e babugens, arborecendo com os germens esparzidos pelos ventos ou rolados ao leu das vagas, que nelas se acolhem, medram, crescem e frondejam espessamente em bosques.

Entre todos os vivos não ha esse que se lembre da hora em que nasceu.

A primeira palavra

Como aprendi eu a falar ?

As palavras vieram commigo informes, desarticuladas e, pouco a pouco, as fui compondo, syllaba a syllaba, e applicando-as aos respectivos sêres e objectos que designavam.

A primeira que balbuciei foi o appellativo de minha mãe, por ser ella a imagem que eu tinha sempre diante dos olhos. Mal os abria do somno logo a encontrava a mirarme, inclinada sobre o meu berço, como o céu se curva sobre a terra.

E essa palavra inicial foi a raiz de que nasceram todas as outras, como nascem as folhas na arvore á medida que se lhe vão distendendo os ramos.

Hoje, para encontrar esse nome, eu teria de recavar a terra e buscá-lo no seio da morte.

Que será feito de minha mãe ?

Recolhendo-me, ás vezes, em mim mesmo, vejo-a dentro do coração, ouço-a, sinto-a.

Terá ella desistido do céu para ficar commigo, animando-me nos meus desfallecimentos, consolando-me nas minhas tristezas, alvoroçando-se commigo nas minhas alegrias ?

Ha tantas coisas mysteriosas que nos cercam e nos escapam á vista : a esperança, a fé, o amor, todos os sonhos, emfim. Quem os vê ? E não estão commosco ? Não são, a

bem dizer, a essencia mesma da vida ?

Assim faz minha mãe dentro do meu coração e é por isso que, ainda hoje, nas minhas dôres, nas minhas agonias, chamo por ella como a chamava quando, pequenino, dormia ao seu collo, alumiado por seus olhos meigos, acalentado por seu canto.

Mamãe ! Este foi o primeiro nome que pronunciei, o nome flôr, que ainda me perfuma a voz e que será, na minha hora derradeira, a palavra sacramental da extrema unção da minha bôca.

E quando minh'alma sahir da vida dolorosa não errará o caminho do céu, que mamãe conhece por o haver deixado para vir acompanhar-me e poder responder-me de dentro de mim, consoladoramente, quando a invôco nas minhas angus-

tias, como a chamava em pequenino, fechando-a toda num vocabulo apertado, como toda a encerro, e viva, no meu coração : Mamã !

Somno de criança

Quando, á noite, no estudo ou em meio do brinquedo, vinha a mim, silenciosa, a onda escura, eu deixava-me levar, contente, sem sentir as horas, que não existem na Eternidade. E o somno é um mergulho no Infinito.

Hoje, quando me abeiro do mar tenebroso, o friúl das aguas apavora-me. Avanço, recúo e, ás vezes, deixo-me ficar na duna, olhando o abysmo taciturno, com desejo de nelle entrar, ao mesmo tempo, porém, temendo-o pelo silencio.

Felizes as crianças que não têm consciencia do perigo! Os velhos são acautelados porque sabem que a onda é pérfida.

Quão differente é o somno dos infantes do veteroso torpor dos anciãos!

O sobresalto do somno na velhice é como a prudencia do nadador fatigado que, mal perde o váo, torna á praia.

A criança, de um mergulho, atravessa o mar de uma a outra praia — desde o crepusculo da noite até a raia da manhan.

Ao velho encurta-se-lhe o folego. Volta e meia ei-lo á tona, desperto, respirando as horas afflictamente. Dormir! . . . O' minha mãe! sereia encantadora que me attrahias cantando e me levavas nos braços para o abysmo dos sonhos.

Quem me déra uma só daquellas

noites em que eu dormia como quem morre! Mas terei eu folego para resistir a um mergulho profundo e tornar á flôr da vida como outr'ora?

Não sabe a criança que, lá em baixo, nas covas do mar escuro, vive o polvo enlapado, e vai para o somno rindo.

Como eu invejo os pequeninos quando os vejo adormecidos! Onde estarão elles? junto de Deus, na Eternidade. São leves, podem emergir, por mais que desçam — a propria vida os traz a flux.

Os velhos, com o peso dos annos, se descerem ao profundo. . . ai! delles. . . Que se contentem com as ondas rasas da praia, que vão e vêm.

O'! o meu somno de criança, o meu dormir de antanho. Nunca mais!

Só dormirei agora serenamente
quando se fechar de todo a grande
Noite, que começa a cahir fria,
calada e triste.

O presente do céu

Tendo eu apenas um par de sapatos se fôsse á missa do Gallo onde deixaria o velhinho o brinquedo que me trouxesse do céu ? Para não ir fiz manha, queixando-me de dôr de cabeça.

Minha mãe, acreditando no que lhe eu dizia, sobresaltou-se, achando-me febril ; e obrigou-me a deitar-me.

Nem jantei ! Que pena ! Jantar de festa. E a noite !... Não me lembro de luar tão lindo como aquelle, nem de tanta alegria em minha rua :

ranchos de pastorinhas, gente cantando e tocando. Em casa, apenas a velha, que não sabia á noite por ser quasi cega, e eu, com a minha esperança.

Quando se fez silencio levantei-me cautelosamente, puz os sapatos debaixo da cama, abrindo-os bem para que nelles coubesse muita coisa, e deitei-me pensando em um tambor que vira no armarinho.

E rezei a Jesus para que me fizesse dormir, porque o velhinho não apparece emquanto as crianças velam.

Juro que o ouvi andar no telhado devagarinho, mas eram tantos brinquedos no meu pensamento, tantos! cada qual mais bonito que, por mais que fizesse, não consegui adormecer. O relógio batia as horas. Um gallo cantou, outro, e outro... Era o Natal. E eu acordado!

Rezei para dormir ; rezei chorando, pedindo o somno como se pedisse a vida. Ouvi cantos de passarinhos, passos, rumor na casa. Era a velha que abria portas e janellas ao sol. Então desatei a chorar e adormeci com lagrimas nos olhos.

Acordei á voz de minha mãe e, saltando da cama, abracei-me com ella, dizendo-lhe a minha desventura : toda a santa noite em claro, sem pregar olho, ouvindo o velhinho andar no telhado. E mostrei-lhe os sapatos vazios.

Ella beijou-me chorando.

Mas a minha dôr subiu de ponto quando, ouvindo um tambor na rua, corri á janella e dei com o menino, filho do ourives que morava defronte da minha casa, a rufar, com orgulho, o tambor que eu vira no armarinho e que tanto eu pedira a Jesus.

E tudo comprehendí. O velhinho trouxera-o para mim, achando-me, porém, acordado passára adiante com elle, indo deixá-lo no sapato do menino riço.

E, desde essa noite, até hoje, espero em vão o presente do ceu, que não chega porque, como trabalho até tarde, a Fortuna sempre me encontra acordado e passa, como o velhinho do Natal, que só deixa brinquedos nos sapatos das crianças adormecidas. E sempre os mais lindos são para as que dormem melhor, em leitos de pluma e linho, envoltos em cortinados, que é onde deve ser bom dormir.

Conto de fada

Os mortos falam em nós.

Quantas vezes, em quietude, ouço, dentro em mim, vozes flébeis !

Uma das que mais frequentam a minha saudade é a de certa velhinha que foi um dos encantos da minha infancia. Baixa, magra, engelhadinha, quando agora a recordo a mim mesmo pergunto : « Não seria uma fada ? »

E vejo-a no seu quarto de paredes alvas, onde havia um bahuzinho de couro tacheado, que ella escondia debaixo da cama de ferro, cama que

nunca vi desfeita, prova evidente de que ella não se deitava porque, com certeza, em vez de dormir, á noite sahia a correr mundos : fadar princesas, abençoar cabanas, desoprimir infelizes ou mostrar-se nos paços reaes, moça e linda, com uma estrella na fronte, como a madrinha da *Gata borralheira*.

Ouço-a sempre.

Ha dias falou-me a proposito da amizade e foram estas as suas palavras :

« A amizade é um fio de sêda com que se ligam duas almas. Quem com elle cose deve puxá-lo de leve, delicadamente, para que se não esgarce e rebente, e a costura fique perfeita. Fio que, uma vez, estála, ainda que bem emendado, nelle se ha de sempre vêr o nó e não passará no panno com a facilidade corredia com que deslisa o inteiriço.

Assim a amizade. Quebrada e reatada, por mais que se dissimule o dissidio, sempre se ha de sentir o ponto da reconciliação, ou emenda. »

Conto de fada, pois não é ?

Os vinte e cinco irmãos

— Tens aqui vinte e cinco irmãos, disse a velha, mostrando-me, na cartilha, as letras do alphabeto. São muito amigos, trabalham juntos e, num instante, como os genios das historias, realisam os maiores prodigios. Queres vêr ? Imagina que precisas de um instrumento para revolveres a terra do jardim. Logo um dos irmãos, o *p*, avança, colloca-se á esquerda de uma das irmans, o *a*, e tens o que desejas.

E a velha encarou-me interrogativamente, sorrindo, e eu, pela

mussitação dos seus labios, disse com alvoroço, como se houvesse adivinhado :

— Pá !

— Então ? exclamou a velha victoriosa. Agora quero uma flôr e quatro irmãos acodem com ella em triumpho. Vem o *r*, logo em seguida o *o*, depois o *s* e finalmente o *a*. Que flôr é essa ? Ro . . .

E eu conclui contente :

— Rosa !

— Vês ? E tudo mais é assim. Agora que já possúes o segredo vê se obtens o que vou pedir. Quero um *rei*, um *palacio*, um *carro* e um *tambor*.

Corri para o meu quarto, tranquei-me por dentro com a cartilha, que era o meu talisman, e, pouco depois, sahi com tudo que me pedira a velha, tendo apenas um erro no palacio, no qual puzera um *s* em vez de um *c*.

Concertado o edificio atirei-me a construcções mais complicadas e a velha, que era exigente, pediu-me um jardim com flôres, um bosque, o céu estrellado e o mar e eu tudo obtive dos vinte e cinco irmãos.

Depois ella ensinou-me a invocá-los com a penna, que ella chamava a « varinha de condão », e era só eu pensar e logo o meu pensamento apparecia escripto no papel.

E assim comecei a construir castellos de sonhos e tanto gosto tomei por obras taes que outra coisa não tenho feito em toda a minha vida.

Porque me havia de apparecer essa velha que me tirou da ignorancia dando-me poder sobre os vinte e cinco irmãos ?

Eu vivia feliz antes de os conhecer e se os não houvesse conhecido seria, sem duvida, tão rico como

certo millionario (que, nesse tempo, era do meu tamanho, andava roto e descalço) com quem, muita vez, reparti o pão de rala da minha merenda e que hoje ri dos meus castellos que se desfazem no ar, como as riquezas das historias maravilhosas, que não são mais do que palavras.

Devo toda a desventura da minha vida ao segredo que me transmittiu a velha, que era, de certo, feiticeira má.

Não fôsse ella e eu hoje seria tão feliz como o ricaço que conheci menino, andrajoso e faminto que, por não ter quem lhe construisse castellos no ar, construiu-os, elle proprio, de bôa pedra, em chão firme.

O anno novo

Falavam tanto do Anno Novo que eu resolvi esperar a meia noite.

Cabeceando de somno, aos empurões d'aqui, d'ali, como uma folha no torvelim das aguas, eu ia e vinha pela casa cheia, toda em flores e luzes, com a mesa posta e o presepe armado na commoda. De quando em quando olhava o relógio, mas como não sabia vêr as horas, perguntava a um e outro :

«Se ainda faltava muito para o Anno Novo entrar».

Riam-se de mim. E o alvoroço ia

a maior — risos e cantorias, jogos de prendas, danças. E não era só em minha casa : toda a rua estava em festa.

Passavam serenatas. Um rancho de pastorinhas, em marcha saracoteada, levou toda a gente de roldão ás janellas e as lôas soavam em vozes meigas deixando no ar um sulco de tristeza.

Sentei-me a um canto, bocejando, com os olhos a arderem-me, como mordidos de fumaça. Despertei assustado num rumor de loucura : eram brindes á mesa, beijos, bênçãos, abraços.

Fóra, estouravam foguetes. Sinos repicavam ao longe.

Levantei-me estremunhado e cheguei á sala a tempo de ouvir as ultimas pancadas do relógio.

E o Anno Novo ? Onde estaria elle ?

Como ninguem me attendia (pobre de mim!) vendo a mãe preta sentada á porta da cozinha, a cachimbar, de olhos no ceu, interroguei-a.

— Que tolice, menino. Anno Novo... Anno Novo é como Nosso Senhor. Você já viu Nosso Senhor? Na missa, quando a campainha bate, é Elle que passa. No relógio, quando dá meia-noite, é o Anno Novo que entra. E' assim.

Eu já fiz sessenta annos e ainda não vi o Anno Novo. Ouço o relógio, vejo a festa, mas o Anno mesmo nunca vi. O céu é um relógio grande.

No relógio de parede que é que a gente vê? os ponteiros andando de roda, um puxando o outro e os dois levando o Tempo. O sol e a lua não estão lá em cima? Pois então?... Bateu meia-noite. O gallo não tarda a cantar. Vai dor-

mir. O que você tem é somno. Eu, velha assim, ainda não vi o Anno Novo e você, desse tamaninho, já está com ansia de vêr. Vai dormir que é melhor. Quem dorme é como quem muda de roupa. Vai! Deus te abençõe.

E foi tudo que aprendi nessa noite grande dos Tempos e, até hoje, é tudo quanto della sei.

Historias

Era no tempo em que as torres das igrejas, em volta das quaes voavam e revoavam pombos e andorinhas, plangiam Ave Marias: tempo em que se dizia, ao accender das luzes: «Louvado seja o Senhor!» e vozes, por toda a casa, respondiam: «Para sempre seja louvado!»

A claridade que se espalhava do lampião não era rica como a das lampadas de hoje, era, porém, mais intima, mais nossa; era a luz mesma do lar, bem da familia, como o

lume da lenha, o pão da mesa e a agua da bilha.

Essa era a hora mais feliz da minha vida, a de mais aconchego porque, com as portas fechadas, eu me sentia longe do mundo, na minha casa, só com os meus, sem mais ninguem, sem mais nada.

E punha-me a rondar a velhinha com solicitações nos olhos e sorrisos e ella, comprehendendo o meu desejo, mettia-se commigo a um canto e, baixinho, com a sua voz que tremia, cançada, começava :

« Era uma vez . . . »

Meu pai, debruçado á mesa, folheava grandes livros de assentamentos e minha mãe levava o serão manso e mansó. Os grillos cantavam em guiseiro.

E na voz tremula da velhinha, como por uma ponte fragil, que oscillasse, transitavam genios e gi-

gantes, fadas e feiticeiras, cortejos de reis, caravanas de mercadores, quadrilhas de ladrões que iam ter a cidades maravilhosas, a cavernas atupidas de thesouros, ou desappareciam subitamente em florestas, quando se não entranhavam, com estrondo, pela terra dentro em explosões de chammas infernaes.

Mas o relógio batia horas lentas, com somno.

Meu pai fechava os livros ; mamã guardava a costura : « Bôa noite ! » « Bôa noite ! » Eu recolhia-me ao meu quarto com a benção dos velhos e deitava-me.

Então, da sombra que me envolvia, isolando-me em mim mesmo, como a noite isolava a minha casa, saham almas, surdiam vozes subtis, cicios minimos, sussurros brandos. Os moveis crepitavam como lenha verde ao fogo.

O medo empolgava-me com a sua mão de ferro, fria, e eu punha-me a rezar baixinho ao meu Anjo da Guarda.

Andavam surdamente pela casa abrindo e fechando portas.

Que ruidos seriam aquelles que estralejavam no escuro? Seriam almas das coisas encantadas?

De quando em quando uma hora cahia do relógio, morta. Que medo!

Quando, de manhã, eu referia a meus pais o que vira e ouvira na escuridão, elles diziam, culpando a velha:

— São as taes historias. Enchem-te a cabeça de coisas e é isso...

As taes historias!... Nesse tempo (feliz tempo!) eram as historias que me levavam o somno. E hoje, que as não ouço, porque não durmo? Dantes eram os rumores

mysteriosos que me apavoravam, á noite ; agora o que me aterra é o silencio, a treva quieta, asphyxiante, lugubre, no fundo da qual meu coração debate-se como um enter-rado vivo num caixão de ferro.

Ninharias

Zombavam da coitada quando a viam ás voltas com o bahú de couro cheio de molambos. Pobre velhinha!

Vivia, por esmola, no quarto do quintal, de telha van, mas aceiado e cheiroso como uma capella, porque ella o trazia sempre defumado a alfazema, incenso, myrrha e benjoim.

Eu que, constantemente, a procurava para ouvir-lhe as historias — e como as contava, e lindas! — é que sei o que havia naquelle bahú de couro, sempre fechado á chave.

Eram retalhos de cassa e chita, pedaços de rendas, restos de franjas e cadilhos, avellorios, retratos, maços de cartas, flôres seccas, um chocalho de prata... e que sei mais!

Uma tarde, achava-se ella a arranjar o bahú, quando, voltando-se para mim, disse :

— Vê ? E' por estas e outras que se riem de mim. Pois não hei de querer bem a estas lembranças ? Este pedaço de filó é do veu do meu casamento. Este retalho de sêda é de um vestido. Estas contas são de um collar do meu tempo de solteira. Cartas do meu marido, quando ainda era meu noivo. Flôres do seu tumulo. E, falando, ia pondo de parte os objectos.

Tomando, porém, o chocalho de prata, mirou-o muito, longamente, e os olhos arrasaram-se-lhe de lagrimas. Limpou-as devagarinho. De-

pois sorriu-me, mas com tal tristeza, que eu achei mais dôr naquelle sorriso que nas lagrimas.

— A' noite, ás vezes, mexendo neste bahú, continuou a triste, tudo isto se anima, como por encanto e, em cada pedacinho de panno, em cada conta, num retrato vejo um dos meus dias com a mocidade e a ventura. Olhe aquella travesseirinha ali na cama. Foi do meu filho. Quando nella me deito sinto-o perto de mim e aperto-o nos braços. Acham que estou caducando. Que hei de fazer ? . . .

Pobre velhinha !

Riam-se d'ella e das ninharias do seu bahú de couro.

Bem faço eu que não abro o meu coração a ninguem !

A cigarra do cemiterio

Quando mamãe me disse que eu iria, com outros meninos, ao enterro do filho da vizinha, não me contive de alegria. Que bom! Um passeio a carro! O cemiterio devia ser longe, muito longe! e a tarde era linda.

Vesti-me às pressas, com a minha roupa nova, e atravessei a rua, onde já havia carros.

A casa estava cheia de gente. Sobre uma mesa, no meio da sala, entre velas, o caixão pequenino era um canteiro de flôres. Senhoras choravam e mamãe, que se sentara a

um canto, não tirava os olhos humidos de mim.

Levantaram-me em braços para que eu visse o morto. Estava dormindo, de mãos postas, rezando em sonho á Nossa Senhora.

De repente, na rua, a voz do doceiro chamou a criançada; logo, porém, calou-se. Naturalmente alguém lhe disse que o seu pequenino freguez dormia, e elle, para o não despertar... Era tão bom, o doceiro!

Uma senhora apagou as velas, uma a uma... Fecharam o caixão e quatro meninos o levaram até a rua, onde um homem o tomou pondo-o no carro, bem amarrado com correias.

Em cima depositaram-lhe grinaldas.

Entramos tumultuosamente no caleche, eu e os meus companheiros.

Eramos seis ao todo. Que alegria na viagem !

Fomos olhando a cidade, vendo tudo, rindo de tudo, contentes daquelle passeio festivo.

Quando chegamos ao cemiterio entregaram-nos o caixão para que o levassemos e com que orgulho parti á frente, segurando a primeira argolla.

Lindo, o cemiterio, com os seus oratorios brancos, com as sepulturas que pareciam cobertas por lençóes lavados e anjos alvos guardando capellas de marmore. Era uma pequena cidade pallida, uma cidade sem sangue. As proprias arvores pareciam não ter raizes, como as de brinquedo, porque não se lhes sentia a vida, e as flôres eram tristes e descóradas. Uma cruz enorme, sem Deus, como que tomava conta das cruzes pequeninas espalhadas em

toda a parte. Por fim chegamos ao lugar do enterro.

Dois homens tomaram-nos o caixão, prenderam-no com correntes e desceram-no á cova. E todos, um a um, atiraram sobre elle, pásadas de uma terra branca, terra que devia crescer, subindo á flôr da cova, para forrá-la de alvor, á maneira do que eu via nas outras sepulturas.

Passarinhos e borboletas esvoaçavam. Anoitecia.

Voltamos.

Só, então, pensei nas almas. Era dali que ellas saham, á noite, para assombrar a gente.

Uma cigarra poz-se a chiar, depois a chamar, aos psios !

Estremeci de medo, com vontade de chorar. Aquella cigarra a chamar. . .

Nunca mais deixei de ouvi-la, ouço-a sempre, sempre ! e, um dia,

como foi o menino, como vão todos, hei de eu ir também á sua voz silvante.

E, sempre que via passar um enterro, lembrava-me daquella tarde e dizia commigo, estarrecidamente :

— « Ahi vai mais um chamado pela cigarra ! »

Porque, tão pequenino, me haviam de mandar ao cemiterio para que eu trouxesse no coração, onde não cessa de soar, a voz terrivel da cigarra eterna ?

Piedade

O homem accendeu o cigarro, atirou o phosphoro ao chão e, tomando, de novo, as cartas, lançou uma baforada. Meditou um momento e, em voz surda, accusou o jogo.

Os parceiros — e, entre elles, meu pai, — um a um, responderam no mesmo tom soturno, aceitando.

Subito, como se alguém o chamasse, o homem voltou-se de golpe e, dum salto, quasi derrubando a cadeira, foi á pedra do limiar onde o phosphoro, que era de cera, vas-

quejava em chamma livida, e soprou-a.

Tornando á mesa, disse sentenciosamente aos companheiros :

— Não se deve deixar a luz penar.

Uma noite despertei em sobresalto como se me sacudissem. Na penumbra do meu quarto bailavam sombras sinistras no soalho e nas paredes e crepitações estalidavam crebras, como sal ao fogo.

Tive medo. Sentei-me na cama com o coração transido e olhava airadamente em volta quando vi minha mãe apparecer á porta, pé ante pé, descalça, movendo-se com o mesmo silencio com que as sombras longas bailavam sinistramente no soalho e nas paredes.

Perguntei espavorido :

— Que é ? !

E ella, vendo-me espantado, tran-

quillisou-me carinhosamente com a sua voz suave :

— Não é nada. Dorme. E' a lamparina que está morrendo. O lampião fica acceso na sala de jantar e eu estou aqui perto. Vou apagar a lamparina porque não se deve deixar a luz penar. E soprou-a.

E ella ? Tantos dias e tantas noites a morrer pouco a pouco. Medicos entrando e sahindo, gente de casa, visinhos revesando-se-lhe á cabeceira dia e noite, a vela prompta para alumia-la no terrivel transe, tudo á espera da morte e a misera a agonisar arquejando com um sarrido aspero, crepitante, que se ouvia em toda a casa.

Tantos dias ! tantas noites !

E a coitada, quasi em esqueleto, num fio de voz pedia de mãos postas, pedia a todos que rezassem a Deus,

a Nossa Senhora, aos santos para que a levassem ; pediu ao medico, como uma obra de misericordia, pediu ao padre que a confessou e ungiu e gemia com lagrimas nos olhos fundos :

« Tenham pena de mim ! . . . Não posso mais ! »

Pobre velha !

Entretanto lá estava o homem que deixara o jogo para apagar o phosphoro bruxoleante ; lá estava minha mãe que se levantara alta noite, descalça, e fôra ao meu quarto apagar a lamparina que tremeluzia e estalidava em morrão.

E nenhum delles attendia á pobre-zinha

Tanta pena da luz e uma criatura humana ali soffrendo dias e noites, pedindo a morte de mãos postas e ninguem que se apiedasse e a soccorresse.

E era tão pouco o que lhe restava de vida que o sopro de uma criança. . . Mas não houve em tanta gente uma alma caridosa que attendesse aos rogos da infeliz.

In Extremis

Dizem que na hora da morte toda a vida vivida reflúe tumultuosamente á tona da memoria.

Se assim é muito deve soffrer o moribundo nesse instante, immenso e breve, largo e rapido como o relumbre do relampago que tudo alumia no frémito de um segundo. Mas será tanta a claridade que alcance até a infancia ?

Apparecerão nella todos os dias e todas as noites, todas as horas com os seus minutos pequeninos e cada minuto com o que nelle transitou ?

Se é verdade que a vida resurge nas extremas da morte, como quem acompanha á porta um hospede que se retira, como deve ser afflictivo esse transe com o atropello das recordações que acodem á despedida!

Toda a vida em um segundo como o oceano em uma gota d'agua!

E' por isso, talvez, que se morre aos arrancos, como a chamma da lampada vacilla aos bruxoleios intermitentes, accendendo-se a impetos, ansiosa, até de todo extinguir-se, restando apenas o morrão, como tetrico esqueleto.

E' que, ao morrer, não se sahe apenas de um instante, mas de toda a vida, como o que se retira não deixa unicamente o limiar, mas a casa toda. E assim como, nas vascas, cada crepitação da chamma é um esforço para resistir accessa cada

hausto do moribundo é um folego supremo.

Ai ! de nós se não fôsse tão rapido esse profundo adeus ! não por medo da morte, mas por saudade da vida !

Não é para evitar fazer-se morrão que a chamma tremúla afflicta, mas para manter-se em lume, accesa em claridade.

No ultimo vasquejo a luz agonizante abre-se em esplendor instantaneo, illumina tudo em volta e apaga-se.

Assim nós.

A camisola da arvore

Mal o sol começava a luzir e a lavadeira, cantando, punha-se a estender a roupa no coradouro, ia tambem a arvore espalhando pela relva a sua sombra aberta em crivo.

Era ali que me aprazia isolar-me e, muito a meu grado, ficava horas e horas com os meus brinquedos ou entretido a ver as formigas em faina, carregando achegas.

Cruzavam-se em duas filas. Muitas detinham-se communicando-se como conhecidos que conversassem ; outras retrocediam aforçuradas ou

juntavam-se e, combinadamente, tomavam rumo em grupo. Aonde e a que iriam ellas com tamanha pressa?

Ao cahir da tarde, quando as cigarras começavam a cantar, a arvore recolhia a sombra que estendera. E eu dizia, brincando :

« Estás apanhando a tua camisola de dormir que puzeste a enxugar ao sol ?... » E a arvore sussurrava como se me respondesse.

A lavadeira, por sua vez, recolhia a roupa do coradouro.

A' noite, deitado, eu pensava na arvore e dizia, contente de a saber agasalhada :

« Ella vestiu tambem a sua camisola escura, enxuta ao sol, camisola em que me deito e rolo, como me deitava, em pequeno, na barra da saia de minha mãe ».

Nas noites de luar eu tinha inveja da arvore, vendo-a vestida com

uma camisa que parecia feita de fios de prata.

Mas em noites de chuva, que pena eu tinha da misera que tiritava. Como devia ter frio, toda encharcada e com o vento a rasgar-lhe a roupa !

E quando, á volta do sol, eu via, de novo, a sombra na relva, com as abertas dos escassilhos da fronde, tinha vontade de pedir a Nosso Senhor que mandasse um anjo remendar a camisola da arvore rasgada pelos temporaes.

Em recolhimento

A luz intensa atordôa-me como a multidão.

Nos dias estivaes, á claridade vívida o meu espirito dispersa-se no esplendor como os atomos nos raios do sol.

Nos dias sombrios concentro-me, encerro-me no meu « eu », fecho-me por dentro no coração.

Como o que fica em casa no tempo invernos, ouvindo a trepidação monotona da chuva e o refrulho do vento nas arvores, distrahe-se arranjando o canto em que, de preferen-

cia, assiste, pondo em ordem armários e gavetas, relendo cartas antigas, rasgando papeis inúteis, assim faço eu nos dias melancolicos, recordando.

Quantas lembranças, então, se me deparam nos escaninhos da memoria! Quantas reminiscencias! velharias esquecidas que, certamente, nunca mais me viriam á alma se a tristeza me não prendesse na solidão e a necessidade de movimento me não levasse a revolver o passado.

E na quiéte em que fico, debruçado sobre o abysmo das illusões, revejo figuras mortas, felicidades e desventuras, horas alegres, horas tristes, como na insomnia, de olhos abertos no escuro, subitamente nos deslumbramos com a pyrotechnia mirifica de halos de ouro e nimbos multicores, vermiculando iterativamente a treva como fogos fátuos nos cemiterios.

Tres sorrisos

Ia eu correndo quando avistei a nota na calçada, justamente no ponto onde batia mais em cheio a luz do gaz. Estaquei de golpe, sofrego, relanceando assustadamente um olhar em volta. Ninguem!

Que alegria! Nem que eu houvesse achado um talisman!

Deitei, de novo, a correr, então fugindo, para que me não visse alguém e dissesse, denunciando-me: «Foi aquelle que achou. Aquelle menino que ali vai.»

Pensei em trocar a nota no arma-

rinho, aonde ia ; desisti, porém, da idéa receioso de que o homem desconfiasse de mim, vendo-me com tanto dinheiro. E como escondê-lo ? onde ? E papai ? e mamãe ? Que lhes diria eu ?

« Como é difficil justificar uma fortuna achada assim », pensava eu, quando, de volta á casa, vi um grupo na calçada : uma mulher e dois meninos. Os tres giro-giravam curvados, á cata de alguma coisa. A mulher falava em tom plangente e um dos pequenos soluçava.

Era a viuva da estalagem, uma coitada, mãe de tres filhos, um delles aleijadinho. Entre os curiosos, que rodeavam a triste familia, alguém perguntou :

— Que foi ?

E a mulher explicou, quasi chorando :

— Dez mil réis, meu senhor.

Mandei este pequeno á botica, buscar um remedio para o irmão, que está ardendo em febre, e o deminho perdeu o dinheiro. Dez mil réis ! suspirou.

Um instante mais e os curiosos foram-se. Ficaram os tres giro-girando da calçada á sargeta, a mulher sempre a lastimar-se e o pequeno a soluçar.

De repente a coitada desatou em pranto e, tomando a mão do menor dos filhos, foi-se muito infeliz.

Encheram-se-me os olhos dagua. Meus lindos sonhos! todo um exercito de soldadinhos de chumbo e tantas outras coisas mais !

Deitei a correr alcançando a infeliz á porta da estalagem.

— E' uma nota que a senhora está procurando ? perguntei.

Ella voltou-se, encarou-me a fito

e, com as lagrimas pela face magra, affirmou : que sim.

— Está aqui, disse eu. Achei-a na calçada, ali perto do lampião.

A misera balbuciou umas palavras tremulas, ainda por entre lagrimas, porém, já em sorriso ; o pequeno que soluçava poz-se a saltar e a rir e o menor, agarrando-se á mãe, encarou-me, a principio espantado, como se eu os estivesse ameaçando ; logo depois, porém, sorriu.

Houve um instante de commovido silencio e eu, contente de mim, já me retirava quando a mulher me chamou enternecida e, risonha, abraçando-me d'encontro ao peito magro, disse-me baixinho :

— Deus te abençõe, meu filho. Vai ! Nem sabes o bem que fizeste a uma infeliz. Deus te abençõe !

E foi assim que empreguei a

minha fortuna. Pensava em trocá-la em moedas no armarinho e troquei-a á porta da estalagem por tres sorrisos tirados do desespero, tres sorrisos que nunca mais esqueci e nunca esquecerei porque, de vez em quando, abrem-se-me na memoria como tres lindas flôres orvalhadas de lagrimas.

O meu talisman

O meu reino !

Tinha eu, então, um talisman, graças ao qual os meus desejos realisavam-se como se nos apresenta á vista a luz, mal acordamos. O espaço era para mim menos que a boca para um beijo e eu balouçava-me entre o passado e o futuro, como se embala uma criança numa redouça, entre arvores.

Em que instante eu construia o meu reino com altas torres, palacios, templos sumptuosos!

Para obter prodigios taes encan-

toava-me solitario, encerrando-me no silencio, que é uma floresta encantada.

Os que me viam em taes horas lamentavam o ser eu tão triste.

Triste! Vissem elles as magnificencias do meu reino, a belleza das minhas escravas, o esplendor gallardo dos meus cavalleiros e os profundos subterraneos onde se accumulavam os meus thesouros.

Fulgurava o meu palacio de ouro e onix resoando suavemente musicas e vozes e as ancillas levipedes borboleteavam em danças. Bastava, porém, o mais leve bulicio para que tudo se dissolvesse e eu resurgisse na realidade monotona da vida.

Logo, porém, que se restabelecia o silencio reerguiam-se as construcções, regressavam aereamente os córos languidos, reappareciam os garbosos cavalleiros, reafinavam-se as

musicas suaves e tudo resplandecia de novo.

Rei no silencio. . . Que sou eu no tumulto ?

Não será mais feliz a gota dagua num lesim de rocha, reflectindo serenamente o céu, do que a vaga no atropelado oceano ?

Como eu vivia afortunadamente dentro da fantasia, entre illusões e sonhos !

Ouvindo, um dia, vozes seductoras troquei o meu talisman pelo que chamam : o esplendor da vida. Ai ! de mim. . . Tudo falso, tudo engano, hypocrisia e desillusões.

Aladinos, não deis ouvidos ao pregão do mercador da rua. Esse foi o meu erro e, por elle, perdi a minha lampada maravilhosa.

A Ceguinha

Não se me desvaneceu até hoje na memoria — e, já agora, de certo, não se desvanecerá mais, — a impressão que me causou aquella cega com o filho ao collo. Recordo-a e logo a vejo como se a tivesse presente, tal como a vi na tarde em que a visitei com minha mãe.

Baixinha, magra, de um moreno barrento, com signaes de bexigas ; feia. Sorria sempre e os olhos, brancos como dois ovos de passarinho, rolavam inquietos, á maneira de borbulhas em fervura. Lindos eram

os cabellos negros, em duas grossas tranças, que lhe chegavam á cinta.

Mamãi abraçou-a, beijou-a ; beijou o pequenino que ella acalentava. E puzeram-se a falar delle.

Que aborrecimento ! As cigarras chiavam no bambual. De quando em quando um cão latia, ao longe. Que vontade de sahir, correr nos mattos, trepar nas arvores, brincar ao sol ! E a céga a falar do filho, a elogiar-lhe a belleza, a robustez, a citar-lhe as graças e as travessuras : «que já se voltava no berço, que puxava o cortinado e que a conhecia pela voz.»

Não me contive e desatei a rir. Ella riu tambem. Mamãi, porém, fez-me um signal severo, ameaçando-me.

E a céga, como se houvesse percebido o que se déra, disse :

— Deixe-o rir. E' criança. Ouvindo-me falar do pequenino, eu assim, é natural que ria. Tem razão e não tem. Tem-na, porque sou céga. Não a tem, porque sou mãe. E' uma criança, não comprehende, não pôde comprehender. A senhora, sim, porque tambem é mãe. Que é o filho, senão nós mesmas? Sentimo-lo, ainda que o não vejamos, como sentimos o coração invisivel. Um é a vida, outro o amor. Não é verdade? O olhar das mãis para os filhos não sahe dos olhos, sahe da alma. Deixe-o rir.

Duas lagrimas rolaram commovidamente pelo rosto de minha mãe.

Hoje, quando me lembro da pobre céguinha e do que ella disse desculpando o meu riso da criança, enchem-se-me os olhos d'agua.

Reminiscencias

De quando em quando resurgem-me na memoria lembranças de outras vidas, como em vasos que contiveram essencias, servindo a outras posteriormente, apparece, por vezes, vago, o arôma das primitivas.

Se a saudade é vestigio do que foi, essas recordações que se levantam em nós são como poeira de caminhos percorridos.

E quem não a traz em si ? Quem não sente, de vez em quando, reminiscencias de um passado que não é o mesmo de onde viemos pelos

annos actuaes, mas muito mais remoto, um passado d'além do évo em que transitamos ?

Essas saudades não jazem no coração : são livres, vôam em volta de nós como as nuvens no espaço.

Quem nos diz que ellas não são o que já fomos, como as nuvens já foram rios, lagos, pantanos, oceano ?

Quem nos affirma que não são lembranças de eras transcorridas, sobre as quaes adormecemos quando nos soou a hora nocturna, acordando com a madrugada para viver, de novo, ao sol e, de novo, dormir ?

Se me recordo do que fui outr'ora é natural que, mais tarde, me lembre do que hoje sou.

E os dias passarão continuamente e eu voltarei com elles como os minutos voltam com as horas, as horas com os dias, os dias com as semanas, as semanas com os mezes,

os mezes com os annos, os annos com os seculos enquanto girarem na Eternidade, que é o mostrador do Tempo infinito, impassivel, parado, espelhando a Vida, que é o movimento.

A doceirinha

Pequenina e magra, com os ossos á flôr da pelle côr de folha secca, uns olhos grandes, negros, tristes, entre pestanas longas, como dois corvos pousados em velho muro hirsuto de hervas, mirando dalto a boca, vermelha como carniça, descalça e esmolambada, fizesse sol ou chovesse, todas as tardes a mulatinha passava pela minha rua, apregoando.

Era-lhe a voz tão meiga, ás vezes tão dolorida, que parecia vir tremula, chorando do fundo de uma agonia.

Uma tarde chamei-a.

A coitadinha veio sorridente e á pressa e, descobrindo o taboleiro, quasi vasio, mostrou-me um resto de dôces bolorentos.

Recusei-os. Mas a coitada fitou-me de tal modo, com tanta ternura no olhar triste, que tive pena e deixei a moeda no taboleiro.

— Tire um dôce, disse ella.

— Não ! respondi com asco.

— Por que ?

— Não quero.

Ella, então, tomando humildemente a moeda, devolveu-ma.

— Guarde-a para você, disse-lhe eu. E' sua.

Os olhos grandes da criança tornaram-se ainda maiores, naturalmente para conterem o espanto que lhe causara a minha generosidade, depois brilharam enternecidos

com um esmalte crystallino que se desfez em lagrimas.

Fechei a janella para não chorar.

E foi assim que, com uma moedinha de vintem, adquiri doçura para toda a minha vida, doçura que sinto na alma toda a vez que me lembro do olhar de gratidão da mulatinha que, sem duvida, só naquella tarde, desde que, esmolambada e descalça, vendia doces ao sol e á chuva, encontrara alguem que se compadecesse della.

Água parada

Descem os rios para o mar. As paisagens que espelham não se lhes fixam na superfície : ora é um bosque que a ensombra, ora é o azul do céu que a esmalta. Aqui, a faiscação do céu, penhas negras além ; imagens ephemerass : a vida.

Certas aguas, porém, desviam-se do curso e remoram em pôças, cobertas de folhas mortas.

Da correnteza da minha vida destacou-se um breve instante que parou no tempo. Envelheço a ca-

minho da morte e esse episodio da minha infancia ahi quédá sereno, á margem.

Que ha de extraordinario em tal momento para que assim perdure quando outros, tantos! passaram sem deixar lembrança?

Debruço-me sobre elle e vejo-me menino, brincando junto de uma arvore rachitica, unica verdura num quintalejo secco e, a uma janella, d'olhos no céu pallido, a face triste na mão, minha mãe, a chorar.

E scena tão simples gravou-se-me na memoria como a agua de um rio que, desviada do caudal, adormecesse em estágno, reflectindo apenas, e perpetuamente, uma arvore morta.

A roseira

No pequeno canteiro era a unica roseira, em compensação valia por um rosal. A's vezes tantas eram nella as rosas que as folhas desappareciam e a planta ficava como um immenso ramo.

Era o encanto do meu pai, e a ninguem consentia elle que a tocasse. Tratava-a elle só e até para colher as rosas havia de ser elle, ninguem mais! E quando a roseira florescia toda a nossa pequenina casa enchia-se de arôma.

Que abundancia de rosas! Eram

rosas para o oratorio, rosas para as jarras da sala, rosas enfeitando a mesa de jantar, rosas em todos os quartos e ainda sahiam rosas para a visinhança.

Se eu me aproximava da planta logo meu pai bradava carrancudo :
« Não lhe ponhas a mão ! »

Um domingo — em casa ficara apenas a velhinha — condoído da sorte da roseira, resolvi prestar-lhe um beneficio :

« Coitada ! Tão bôa e tão crivada de espinhos ! Sempre coberta de rosas apesar de tamanho soffrimento. Parece uma santa a fazer milagres com o corpo atravessado de settas. »

Assim pensando muni-me de uma faca e puz-me a raspar a planta, despontando-a, desde o mais raso do tronco até o ramo mais tenue.

Que linda ficou, lisa e branca !

Deitei-me cedo e adormeci pensando na surpresa que meu pai teria de manhã quando a visse sem um só espinho.

Ai de mim. . . Que despertar o meu !

« Venham vêr o que fez esse perverso !. . . » E, arrastado furiosamente até o canteiro vi, com effeito, a planta agonisante : as rosas fanavam-se languidas, desfolhando-se, os botões pendiam flaccidos, as folhas murchas encolhiam-se e os ramos vergavam amollecidamente.

— Olha a tua maldade ! rugiu meu pai.

— A minha maldade ! ? Sim. . . Fui eu. Mas se assim fiz não foi por maldade, foi de pena. Soffria tanto, a coitada ! Tu só lhe tiravas as rosas

sem te importares com os espinhos. Eu cuidei que lhe fazia bem. Não foi por mal.

E chorava com remorso do que via : a morte da planta e a tristeza do meu pobre pai. Quiz fazer bem e . . . O que é a gente não conhecer a vida.

E', talvez, por ser como o coração, que a roseira o reproduz nas petalas das suas flôres.

Tambem o coração desabrocha em alegria, como se abre em rosas a roseira, mas o riso vibra e passa, ephemero como a flôr. As dôres, essas, quem as quizer tirar do coração ha de arrancar-lhe a vida, como eu fiz á roseira raspando-lhe os espinhos.

No consultorio

Como deve ser grande a memoria ! maior, de certo, do que a terra e o mar, grande como o céu para conter tanta coisa, como contém.

E eu olhava, d'alto abaixo, a bibliotheca do velho medico, as enormes estantes que chegavam ao tecto, atochadas de livros ; e livros ainda ás rimas sobre os moveis, pelo chão, tantos !... Tê-los-ia elle a todos na cabeça ? Sim, devia tê-los para saber o que sabia.

Como deve ser grande a memoria ! pensava eu sentado a um canto,

na penumbra da bibliotheca. Se a gente pudesse vê-la com tudo que ella encerra!... Mas a memoria é como o fundo do mar.

Pequenina para caber na cabeça é immensa visto que abarca toda a natureza e a vida. Deve ser como os olhos que, do tamanho que são, abrangem tudo.

Mas os olhos não prendem -- são como as aguas e os espelhos que apenas reflectem o que se lhes defronta e a memoria é como a terra, que tudo conserva.

Brincava eu com taes pensamentos quando o medico appareceu. Era um velhinho magro, calvo, de oculos. Veiu a mim vagarosamente, sentou-se a meu lado, poz-se a examinar-me a perna encolhida e eu, olhando-lhe a calva, franjada de falripas brancas, sorria maravilhado, pensando no mundo que devia

haver ali dentro : todo o tempo d'aquella vida e toda a essencia d'aquelles livros.

Surprehendendo-me a rir, meu pai franziu o sobrolho e acenou-me, severo, para que me contivesse.

«Falta de respeito, disse-me depois; rir de um sabio como aquelle.»

Soubesse elle do que eu me ria.

A bôa nova

Livre das muletas, levada á igreja a perna de cera, comprada com o dinheiro que eu andara a esmolar, descalço, em companhia de minha mãe que, para tal voto, me vestira de azul e me encacheara os cabellos louros, fiquei ansiosamente á espera de que papai cumprisse a recommendação do medico : um mez na roça para eu convalescer da paralyisia que me entrevara.

Todas as tardes, ao vê-lo entrar, eu esperava a bôa nova. Nada.

Nem palavra. Continuavamos na mesma casa, no rame-ram de sempre.

A' noite, na cama, eu punha-me a imaginar a casa da roça longe, além das montanhas, no meio de um bosque como os que eu via nas estampas, cheio de rios, lagos e cachoeiras.

E o meu pensamento ia-se para a matta, para as aguas, para o desconhecido.

Sonho não era porque tudo isso se passava em vigilia. O pensamento ia-se, mas sem deixar-me, como o papagaio sobe ao ar preso a um fio de linha.

Ao menor ruido que faziam ou se me chamavam; lá tornava elle á realidade, rápido como criança traquinas que teme ser apanhada em travessura.

E os dias passavam longos e me-

lancolicos sobre aquella esperanza immovel.

E se eu recahisse ? Se a perna, de novo, se me encolhesse ? ! O medico tanto insistira pela roça : campo, arvoredos, sol, ar livre . . . E eu ali naquella casa acanhada, naquella rua estreita . . .

Uma noite ouvi do meu quarto papai dizer á mamãe, como em segredo :

— A casa é pequena, de telhavan, mas para um mez ou dois serve. Ha muito onde elle brincar. Levaremos apenas o indispensavel ; camas, uma mesa, quatro a seis cadeiras, louça, talheres . . . E' nos Trapicheiros.

Trapicheiros ! . . . Onde seria ? De certo muito longe.

E o meu pensamento lá foi e o somno ficou á espera delle até tarde.

Passava da meia noite quando adormeci. De manhan, lembrando-me do que ouvira, temi que houvesse apenas sonhado.

Ter-se-ia o pensamento aproveitado do meu somno para ir ao tal sitio, como certos meninos fogem de casa, á noite, para brincar na visinhança? Mas não! Mamãe andava a dar ordens, lidando com a criada. Ao vêr-me foi logo dizendo, contente, ella tambem:

— Vamos para os Trapicheiros.

Que alegria! O coração poz-se-me a saltar no peito como uma criança a quem se dá um brinquedo.

Minha escola primaria

Do povoado, na varzea, ouvia-se o escachoar das aguas rolando do monte por meandros profundos de lapedo. Casas, umas cinco ou seis, aqui, ali, a esmo, sem muro ou cerca que as separasse, todas em pleno goso das terras vastas de campo e monte. Os moradores, gente simples, viviam na maior intimidade, como se constituissem uma só familia, e, assim como a gente, os animaes, á solta.

A' tarde, com os homens que tornavam do serviço, com as mu-

lheres que desciam do lavadouro, com as crianças afogueadas de saltos e correrias, os animaes vinham vindo, acercando-se, cada qual, da morada do seu dono.

Anoitecia devagarinho. Luzes assignalavam as casas e appareciam vagalumes faiscando na escuridão.

Na doçura da noite enlangueciam descantes, vibravam sons de violões e violas, estrugiam casquinadas e cantarolas de crianças e era continuo o gargariso marulhoso das aguas da torrente. De quando em quando um cão latia.

Pouco a pouco iam os rumores serenando.

Uma a uma apagavam-se as luzes. E o silencio estendia-se, grande como a natureza, rondado scintillantemente pelos vagalumes.

Foi em tal sitio que aprendi a amar a terra e o céu e, entre

elles, presenti o mysterio. A minha escola primaria foi aquella paizagem.

Ali interpretei, a meu modo, o sussurro das arvores, o gorgoeio dos passaros, o murmurio das aguas, a grasina dos insectos e procurei penetrar o segredo das estrellas.

Ali, todas as historias que eu, até então, ouvira, desenvolveram-se-me na imaginação e eu as senti como realidades : contos de fadas, xacaras e solaus, lendas de martyres e de assombrações.

Foi naquella estancia de simplicidade, perto da matta, junto das aguas sonoras, vendo nascer e vendo morrer o dia, ouvindo os cochichos subtis das moutas, sentindo o fresco arôma das silvas, foi ali que me inicii para o meu destino ; foi ali que achei o talisman com que tenho atravessado a vida dentro da illu-

são, que me não deixa vêr a realidade triste.

Não fôsse a minha doença e eu não teria tido a ventura de viver os dias que vivi, tão longe do tumulto, tão dentro do silencio, ás vezes tão perto do céu, no monte, que eu via a meus pés nuvens pairando acima da floresta e, muito em baixo, como um presepe, tudo pequenino, as casas, a gente, os animaes e as fitas brancas dos caminhos estendidas no campo aveludado.

A comida do fogo

O meu companheiro de aventuras, nascido e criado naquelles pagos, era um menino forte e corajoso, pouco mais velho do que eu. Chamava-se Luiz. Para fazer um bodóque, armar uma arapuca, descobrir um ninho, romper matto, não havia outro. Medo, só de sacy, de mais nada.

Combinamos que eu lhe daria lições de leitura e escripta e elle me poria ao corrente das coisas da montanha. E foi assim que vi tudo que havia naquellas brenhas — as

fontes, as velhas arvores altas, carregadas de parasitas; soube onde havia grumixamas, araçás, silvas de framboesas e pitangueiras; esfuraquei, a bambú, cortiços de abelhas; ataquei a pedradas casas de maribondos; desmantelei cupins, entupi covis, que elle dizia serem de tatús, nos quaes se não atrevia a metter a mão com receio de cobras.

Sentados em pedras, á beira d'agua, chapejando com os pés na correnteza, ou á sombra de alguma arvore ouvindo os passarinhos, conversavamos longamente. Eu falava-lhe da cidade; elle contava-me historias da matta: bichos maus que matara, assombrações que vira, vozes estranhas que escutara. E eu invejava-lhe os grandes feitos. Aquelle menino, para mim, valia mais, muito mais! do que João-si-

nho da Espada ou o Pequeno Polegar.

Certa manhã, iam por um carreiro mal bătido quando, de improviso, elle me propoz :

— Vamos vêr os carvoeiros ?

Os carvoeiros !. . . O que eu, de golpe, imaginei, meu Deus ! lembrando-me de tantas historias. Concordei alegre. Fomos.

Caminho, a bem dizer, não havia — tudo era cerrado. Sentia-se, entretanto, pela recurva dos arbutos e pelo sulco machucado da macéga, que por ali passara gente ou animal.

O sol coava-se das franças em moedinhas de ouro e, com o chilreio vivaz da passarada, dir-se-ia que eram ellas que tilintavam. Aguas cochichavam. De repente Luiz exclamou :

— Lá estão elles ! E, por entre as

arvores, mostrou-me. ao alto, uma fumacinha azul, que nem uma tira cortada do céu e presa, em infula, nos ramos, tremulando ao vento. Fomos indo. Que festiva grasina de cigarras !

Não nos custou alcançar os carvoeiros. Eram tres. Um delles conhecia Luiz. Rodeavam uma cova, uma grande cova que era de onde subia a fumaça que avistáramos. Aproximei-me timido, olhando sem comprehender o que ali faziam aquelles homens. O mais velho dos tres, notando o meu espanto, perguntou-me sorrindo :

— Sabe que é que estamos fazendo ?

Não respondi e elle explicou, risonho :

— Estamos preparando a comida do fogo. Somos nós que o alimentamos no fogão para que elle cozinhe

o que comemos. Ninguem trabalha sem comer, não é assim ? e o fogo quer a sua comidinha bem feita, e somos nós que a fazemos. E o conhecido de Luiz ajuntou, tambem sorrindo :

— Em casa elle tem a comida cosida : esta que estamos cozinhando, o carvão, é o fogo manso, que vive com a gente. Mas quando se apanha solto é uma féra : come tudo crú — come as arvores, come os mattos, come as roças e, se a gente não acode a tempo, dando-lhe em cima, desce por ahi abaixo e vai comer os ranchinhos dos pobres, as casas e é até capaz de comer toda a cidade. Nós preparamos comida para o fogo manso, o fogo de casa ; o bravo é que nem onça que come gente viva.

Rubra labareda espadanou á flôr da cova e um dos carvoeiros atirou-

Ihe em cima uma porção de terra, dizendo :

—Eh ! eh ! se esse sahe por ahi, assim damnado, leva tudo duma vez.

Quando agora contemplo a montanha que, na meninice, conheci frondosa, e vejo-a devastada, lembro-me da historia dos carvoeiros e digo commigo :

— Isso, de certo, foi obra de alguma labareda que fugiu da cova e devorou a floresta, deixando apenas os ossos, que são as rochas encarvoadas.

Luar

Quantos luares tenho eu visto, quantos! e com a lua, talvez, maior, aberta em pleno e, todavia, desse apenas me lembro e, até hoje, sinto nalma o seu prestigio magico. Porque? Sem duvida porque, nessa noite, ella appareceu desnuda, tal como surgiu no céu no instante da criação.

Nem uma nesga de nuvem a vendá-la. Estrellas, poucas: uma aqui, outra ali, dispersas. Da estrada dos Reis Magos nem vestigio.

Nevoa alguma no ar e pyrilampos,

sempre ali em enxames, raros, então, timidamente scintillavam.

A claridade brilhava livre em toda a parte, em tudo : nos caminhos alvacentos, nas rochas tornadas marmoreas, nas aguas tremeluzentes, no arvoredos alvorado, no campo, branco como areal de praia.

Na cidade, com tanta gente e luzes, era natural que, por pudor, a lua se compuzesse mais recatadamente ; ali, porém, em tão humilde póvoa, só de palhiços e, quasi todos, já adormecidos, era como se ella se achasse em plena solidão.

De mim, uma criança, que vergonha podia ella ter, lá em cima ?

E até hoje, quando recordo essa noite, tenho certeza de que surpreendi a lua tal qual sahio das mãos de Deus : nua, como a viram deslumbradamente Adão e Eva no Paraiso.

O mealheiro

— Nosso Senhor, que é Nosso Senhor, trabalha e economisa, quanto mais nós. Cedinho, de madrugada, lá está Elle no céu, ajuntando ouro para cunhar a moeda com que faz os gastos da vida.

— E que moeda é essa ? perguntei.

E a velha, ajustando os oculos de ferro :

— O sol, meu filho. Pois você não sabe ?

— E Nosso Senhor trabalha ?

— Se trabalha ! ? Pois então !

Olha. . . O céu está cheio de nuvens sujas ; a terra está coberta de folhas mortas. Logo se levanta o vento, que é a vassoura de Nosso Senhor, põe-se a varrer, e limpa tudo.

Sendo rico, como é, Nosso Senhor não desperdiça o mais pequenino grão de terra : tudo aproveita, tudo!

Vai um homem de jornada, apanha uma fruta, come-a e atira o caroço fóra. Nosso Senhor logo arranja meio de o aproveitar no proprio chão em que elle cahiu. Annos depois, aquillo que o homem desprezou, rebenta em arvore, cresce, dá flôr e carrega-se de frutos, como as laranjeiras no São João.

Os rios estão correndo, correndo, não é verdade ? parece que vão perdidos. Olha o mar. Lá estão todos elles entrando no mar como dinheiro em caixa. E assim é tudo. A Natureza trabalha, tem o seu

salario, que é o sol, mas como o sol serve sempre, passando de um dia a outro, como a moeda passa de mão em mão, á noitinha, á hora do descanso, fazendo as contas, a Natureza entrega a Nosso Senhor a parte que lhe cabe nos lucros e Nosso Senhor, que é economico, guarda o pagamento.

E' por isto que você vê o sol desapparecer no meio dos montes, como a moeda desapparece na boca do mealheiro.

Se assim não fôsse, se Elle não guardasse o sol o mundo, ha muito, já estaria no escuro, como ficam em miseria os que não pensam no dia de amanha. E é assim que Nosso Senhor nos ensina a viver.

Compreei um mealheiro, um lindo mealheiro envernizado, para ajuntar as moedas que ganhasse. Quantas

ganhei eu ! O sol, quando cahe no cofre de ébano da noite, cofre pregado a estrellas, com um cadeado de prata, a lua, fica bem guardado.

As minhas moedas, assim como entravam sahiam do cofre, chamadas por pregões de rua — vozes de doceiros, de mascates e de outros vendedores.

Fôsse o meu mealheiro como o da noite, que só se abre de madrugada e por um dia de cada, vez, e hoje. . . quem sabe lá a fortuna que eu teria.

A peregrina

Immoveis estão os ramos. Nem uma folha vibra. A estrada dorme, quieta. As recortadas sombras do arvoredos enfeitam-n'a de renda negra.

Eis surge um caminhante. Acorda a estrada, o pó levanta-se, ondula em nuvem, rebrilha, como de ouro, ao sol.

Vai-se o transeunte, cessa o rumor, declina a poeira; assenta.

Desanuvia-se limpidamente o ar e a estrada readormece.

Quanta vez, turbando a quietude do meu coração, uma peregrina apparece, melancólica, caminhando de olhos baixos, a revolver o pó como á procura de alguma coisa perdida.

Quem é ? De onde vem ? Dizem que vive num sepulcro, sahindo, de quando em quando, para esparecer á luz.

Chama-se Saudade.

Quando ella surge vagarosamente, por mais leve que pise, levanta-se em turbilhão a poeira do passado, poeira evangelica em que se resolveram as minhas illusões.

Vai-se e declina o pó, cáhe, desassombra-se-me o coração, tudo serena e aquieta-se em silencio.

Nosso Senhor

O sol brilhava no céu, brilhava tremulo como vidro de lanterna, brilho que doia nos olhos escurecendo a vista. E que azul de setim! Ao longe o mar, liso, como de crystal, faiscava em escamas. E a cidade branca, recortada de ruas, com arvores e torres, parecia um cemiterio immenso.

Iamos na multidão, ladeira acima, pisando farfalhantemente cheirosas fôlhas de cannela e mangueira, por entre cordas de galhardetes e mastros embandeirados. No adro,

quantas doceiras com os seus tabo-
leiros enfeitados ! vendedores de fru-
tas e de refrescos e pobres pedin-
do esmola. Pombas e andorinhas
cruzavam-se no ar.

Que alegria ! E o ar lá em cima,
fresco e leve como se fosse a respi-
ração do céu.

Quando entrámos na igreja senti
o coração transir-se : por tudo, em
tudo, em toda a parte ouro, luzes e
aromas. No deslumbramento em que
fiquei os olhos ennevoaram-se-me.

O fumo do incenso, ondulando
nos raios do sol, que entravam pelos
olhaes, dava-me a impressão de nu-
vens, como as que servem de thro-
no a Deus, a Nossa Senhora e aos
santos. Eu mirava, remirava, atto-
nito e feliz, respirando bemaven-
turança.

Foi difficil chegarmos ao ponto
que mamãi buscava, perto do altar-

mór. Os padres, revestidos como eu nunca os vira, eram tantos que formavam duas longas filas estateladas. Grave, descendo do alto, o som do órgão encheu harmoniosamente a nave e vozes vieram por elle como se anjos cantassem no ar. A multidão abafava-me e eu sentia-me tão pequenino, tão fraco, tão humilde naquella grandeza que tive vontade de chorar.

Puz-me a olhar em volta, aos lados e para o alto: as figuras possantes que sustentavam nos hombros todo o peso da abobada agarrando, a mãos ambas, frisas e capiteis floridos; anjos, de azas distendidas, soprando tubas longas; imagens ricas e santos entre brilhos de ouro e de chammas e, de quando em quando, a ondulação da turba que se ajoelhava ou erguia-se. Padres atravessavam-na em

marcha, de mãos postas, contrictos.

E o órgão soando sempre, sempre as nuvens pairando, sempre as vozes angelicas.

E Deus ? o Deus que eu buscava lá em Cima, no céu azul ? o Deus creador do céu e da terra, o Deus a quem eu rezava e que, jámais, conseguira vêr ou sentir, ainda que se achasse em toda a parte, como me affirmavam. . . onde estaria ? Por que não se mostrava ? Não era aquella a sua Casa ? Se eu tudo via : o sol, a lua, as estrellas, por que só Elle me não havia de apparecer, um dia, entre nuvens douradas, cercado de anjos, para abençoar-me do céu ?

Mamãe forçou-me a ajoelhar-me. Quanto tempo ali estive dispersando olhares distraídos, até que me abstrahi de tudo e puz-me a

pensar no que deixara em casa : os meus brinquedos, as frutas que vira á mesa, os meus companheiros da vizinhança, a arvore do quintal !

Como foi longa a cerimonia ! Repiques de sinos, estrondos de morteiros, arrojos de girandolas annunciaram-lhe o final. Os padres retiraram-se lentamente e a multidão moveu-se refluindo. E Deus ?

A musica começou a tocar no coreto do adro. A tarde esmaecia, languida.

Descendo a ladeira ainda me voltei para olhar a igreja, no alto, com as suas torres soando alegres. E ria vendo um sino enorme apparecer e desapparecer na abertura do campanario como se a igreja zombasse do povo pondo a lingua de fóra. Idéa de criança.

Então disse á mamãe, ainda absor-ta em devoção :

— Mamã, e eu que não vi Nosso Senhor ! ?

Ella fitou-me carrancuda como se eu houvesse pronunciado uma blasphemia e, em voz severa, reprehen-deu-me :

— Isso se diz, seu tolo ? !

Encarei-a, sem comprehender porque se zangára. . . Por que ? se era verdade o que eu dizia.

Buena-dicha

Alta, magra, rosto moreno, amarfanhado em vincos, saia de côm, toda em refegos, enrodilhada á cinta, casaco de chita, ás listas, com um lenço cruzado ao peito, outro, vermelho, á cabeça, a cigana impressionava principalmente pela dureza dos olhos vulturinos, de um negror lustroso de verniz.

Andava de casa em casa a offercer-se para ler a buena-dicha. Uns chamavam-na, outros repelliam-na esconjurando-a.

Quando tomava a mão de alguém

demudavam-se-lhe as feições, a voz tornava-se-lhe grave, como que as palavras lhe saíam cançadas, vindo de muito longe.

A's vezes parava meditando, com o olhar fito e mais duro. Pedia a outra mão da consulente, confrontava as duas até achar a solução difficil.

Não me lembro, entretanto, de lhe haver jámais ouvido um presagio funesto — eram sempre os mesmos prosperos augurios, sempre as mesmas promessas de ventura. E todos achavam que, para lêr nas mãos, não havia outra igual.

Chamada, um dia, á minha casa, quizeram todos ouvi-la. E ella, contente da fêria que ia fazer, poz-se a rir, antecipando felizes vaticinios.

Cheguei-me muito a ella e, vendo as mãos que se lhe estendiam, abertas, observei que, em todas, as

linhas eram quasi as mesmas. Então, maldosamente, para desmascará-la, disse :

— A sorte é você que inventa. Todas as mãos são iguaes.

A cigana encarou-me surpresa e, depois de um momento, contestou :

— Não, menino. Não são iguaes. Cada mão traz a sua fortuna traçada pelo Destino. Esses riscos são os raios da estrella de cada um.

Eu insisti, teimoso :

— Todas têm o mesmo M, e fui mostrando, de palma em palma, os traços da letra annunciada.

A cigana fitou-me os olhos terebrantes, voltando-se, depois, para meu pai, sorriu tristonha, balançando a cabeça em gesto lastimoso. Deu d'hombros, dizendo a custo :

— Sim, esse M todas têm. Mas eu só leio as linhas da vida, meu

menino e as que formam essa letra . . .

Meneou, de novo, com a cabeça e, acariciando-me no rosto, concluiu:

— Você ha de saber um dia. Por enquanto é cedo.

Relanceou um olhar pela sala e todos, silenciosamente, mostraram concordar com ella.

E foi essa a primeira vez que, durante a leitura da buena-dicha, eu vi entristecidos os olhos da semeadora de illusões.

O M que todos têm na mão, maiuscula sinistra, marca do Destino, quem o decifrará! As ciganas podem dizer o passado e adivinhar o futuro, explicar, porém, o mysterio da letra que todos trazem na mão desde que nascem. . . isso não é para ledoras de buena-dicha, nem para ninguem.

Sombras

Agrupados a um canto do pateo de recreio tres meninos cochichavam interessadamente como se combinassem alguma travessura. A um tempo, levantando a prumo a cabeça, postaram-se de frente ao muro, hirtos, olhando a fito. De repente um delles exclamou alvoroçado :

— Estou vendo !

— Tambem eu ! bradou o segundo e logo o terceiro, no mesmo tom vivaz :

— E eu ! E puzeram-se a rir.

Um delles veiu correndo a mim e,

mostrando-me um cartão, no qual havia um titere grotesco, disse-me:

— Estás vendo esta figura? Queres que ella appareça ali no muro? Olha-a bem e, quando eu disser: « Agora! » encara o muro.

Obedeci. Os tres cercaram-me em silencio, attentos, e sorriam, contando, de certo, com o meu espanto. Cravei o olhar no titere e tão a finco que a vista se me foi turvando, escurecendo pouco a pouco, como nublada; logo, porém, reabriu-se.

Pareceu-me, então, que a figurinha vibrava tremula, em saracoteio.

— Agora! bradou o menino.

Presto levei o olhar ao muro. Nada. O alvor apenas fulgurando ao sol. Mas um circulo desprendeuse-me dos olhos, frouxo, ondulante como um rondel de fumo; outro em espira, revoluteando, e outro.

A subitas, em vislumbre, depois nitida, a figura do cartão reproduziu-se no muro ampliada e tremula, movendo-se. Não pude conter a alegria e exclamei :

— E' verdade ! Lá está !

— Não é engraçado ? indagaram todos.

— E como é ? perguntei.

— E' a figura que se grava nos olhos, depois salta para longe, como as vistas da lanterna magica. E quanto mais a gente a olha no cartão melhor a vê depois. Engraçado, não é ?

Concordei, contente por haver aprendido um brinquedo novo.

Figuras... quantas vi eu outr'ora, quantas ! não em cartão, em volta de mim, e, de tanto conviver com ellas, se tiro o pensamento do presente e volvo-o ao passado, logo as

revejo, não immoveis, na morte, mas agitando-se na vida, como a do cartão no muro. São as sombras dos meus queridos entes que se foram : pais, amigos, companheiros, e outras, outras. . . Sombras que a saudade evoca como a retina absorvia, para projectar no muro, a imagem do cartão.

Illusões

Se foi acautelado o viajante, perdido na savana, recorre á provisão de cóca e, mascando-lhe as folhas, consegue illudir a fome e a sêde.

Na travessia longa, em que andei peregrino, quanta vez me vali de identico soccorro !

Sem gota d'agua e sem miga de alimento, com a fome roendo-me as entranhas e a sêde a requeimá-las, salvaram-me as folhas da arvore do Paraiso, folhas que se chamam

illusões, entre as quaes desabrocham as flôres da Poesia.

Ainda que esmarridas não perdem as flores da cóca a sua virtude; as da arvore paradisiaca são umas, se as colhemos antes que o sol as creste; outras, se as tomamos á tarde, emmurchecidas.

Frescas, reçumam esperança; secas, só nos dão o amargor da saudade.

São destas ultimas as que restam na minha taleiga e, em vez de as enganarem, mais me aggravam, se as masco, a fome e a sêde.

O anjo cantor

Quando se soube que seria ella o Anjo Cantor toda a rua exultou, envaidecida. Dizia-se de casa em casa : « Que lindo Anjo vai ser ! E com aquella voz ! . . . » Eu mesmo annunciei, com orgulho, no collegio :

« O Anjo Cantor, este anno, vai ser uma moça da minha rua ».

Filha de um professor de piano, cursava as aulas do Conservatorio. Eu via-a passar, todas as manhans, com o pai. Alta e fina, esbelta, muito branca, tinha no todo um

não sei que de imagem. A cabeça graciosa, núa, com um laço apenas, brilhava ao sol emmoldurada em ouro, e os olhos grandes, azues, pareciam duas janellinhas abertas sobre o céu, um céu que ella tivesse em si, dividido em duas partes, uma para a sua alma, outra. . . para quem a merecesse.

Da minha casa eu ouvia-a cantar, principalmente á noite, na quiéte da ruasinha pobre.

Nas proximidades da Semana Santa, todas as noites, no silencio, um canto melancolico elevava-se — era ella a ensaiar-se para a procissão. As proprias crianças retrahiam-se, suspendiam os brinquedos para ouvi-la. E os dias evangelicos avancavam.

Com as palmas triumphaes do Domingo de Ramos entrou a Semana Dolorosa. Segunda, terça . . . Trevas,

Endoenças. A sexta feira da Paixão amanheceu nublada. « Que pena! lastimava-se. Vamos ter chuva... »

Effectivamente o céu pesava, carregado de nuvens; o calor tórrido prenunciava trovoada. Um capucho de nevoa envolvia a Tijuca.

A procissão sahia á tarde.

Desde cedo começou o movimento na minha rua e os mais apressados, que partiam, paravam á porta dos retardatarios avisando-os: « Olhem que assim não encontram lugar... »

Fomos dos ultimos a sahir. O céu escuro, de chumbo, arripiava-se em tremulos relampagos. Torvelinhos de poeira rodopiavam retorcidamente. Mamãi levava-me pela mão, com medo de que eu me perdesse na turbamulta.

As ruas formigavam de gente. Certas casas tinham colchas de sêda ás janellas.

Uma tristeza mortal enlutava a cidade emmudecida. Todos vestiam de preto. Os animaes dos bondes trotavam sem a campainha ; os relogios das torres não batiam as horas. Não se ouvia outro som além do rastejar dos passos dos transeuntes. Falava-se em sussurro. Vozes altas só as dos vendedores de dôces que apregoavam junto dos taboleiros.

Refugiamo-nos na escadaria de uma igreja e ali ficamos apertados na multidão. A tarde cada vez mais fusca, mais lugubre, escurecendo como se anoitecesse. De instante a instante um corisco golpeava o tervor, abria-se, subito, um relampago e fragorosa, como um desmoronamento, a trovoada retumbava ao longe.

Matracas crepitaram por entre soturnos sons de marcha funebre.

Era a procissão.

A turba ondulou agitada. Houve um refluxo para a escadaria da igreja como de gente espavorida em busca de soccorro, e foi um subir amotinado, o tumido crescer de uma pororoca humana.

Abriu-se um vallo na multidão e appareceram as primeiras figuras do cortejo precedidas pelo guião e logo emblemas de Irmandades, lanternas em varões de prata, portadores de objectos de opprobrio e instrumentos de tortura, desde a cruz, o flagello, o sceptro de canna, o martello, os cravos, a corôa de espinhos, a vara com a esponja de vinagre e fel, até a tunica da qual havia sido despojado o Martyr. E logo, arrogantes, batendo com o conto das lanças, em rythmo, nas pedras, brutos legionarios romanos, seguidos do centurião a cavallo.

Em alas os irmãos das Ordens de opa e tochas ; anjos e virgens.

E as matracas estralavam trépidas, rilhavam rispidas as céga-régas. E appareceram os farricocos sinistros embiocados em negro, as tres Marias Beús, com veus longos, lutuosos precedendo o esquife do Senhor Morto, carregado aos hombros de seis irmãos da Misericordia.

A' passagem do pallio com o Santissimo subiu um marulho soturno e, como a um vento de assolação, toda a turba abaixou-se. Alguns prostraram-se de joelhos voezando supplicas.

Os relampagos succediam-se a miúdo. Coriscos rabiscavam o negrume esfusiando como estrias em papel queimado.

O desfile estacou e uma voz dôce, dorida, elevou-se do meio da turba espalhando-se suavemente no ar.

Era o Anjo que cantava.

Mamãe levantou-me nos braços para que eu pudesse vêr.

Alva na tunica que lhe chegava aos pés, Maria Augusta parecia uma estatua como as que eu vira, em tumulos, no cemiterio. Anjos e virgens cercavam o pedestal em que ella cantava mostrando ao povo a « veronica » com o rosto de Jesus estampado em sangue. As palavras eu não lh'as ouvia, ouvia-lhe apenas a voz.

Uma das nossas visinhas falou a mamãe, alto, para que a ouvissem em volta e soubessem que ella conhecia o Anjo :

« Como está bonita Maria Augusta. E parece mais alta, não é verdade ? » Todos elogiavam-na.

Calou-se a voz num gemido de magua. As matracas estrepitaram e a procissão moveu-se vagarosa.

E a escuridão cada vez mais negra, mais abafada.

Rajadas de vento revolviam espandadamente os pannos, apagavam as tochas, punham em alvoroço assustado os pequeninos anjos. E o cortejo funereo proseguia sob a ameaça do céu tempestuoso.

Ainda ouvi a voz longinqua, entrecortada pela ventania. O batalhão, por fim, fechou o sequito e o povo denso, avançando em mole, parecia empurrar o sahimento.

De repente, a um relume, o céu estalou como se houvesse rebentado. A multidão revolucionou-se em pânico e, improvisa, a jorros, a chuva desabou torrencial, violenta, estralando nas pedras. Foi um tumulto na escadaria da igreja, correrias, gritos. Num instante a rua ficou deserta, alagada, a gorgorejar enxurros. E a procissão ? . . .

Uma semana depois, nem tanto, talvez, correu a noticia da morte de Maria Augusta. Ninguem soubera da sua doença. Que teria sido ? A tempestade, com certeza, aquella chuva. . .

Foi uma desolação em toda a rua.

A tarde do enterro !. . . Quão diferente da outra : dourada de sol e cigarras cantando. Gente nas calçadas, gente ás janellas ; o portão da estalagem cheio. Quando o enterro passou foi um lastimar de casa em casa :

« Coitadinha ! Tão moça ! . . . »
« Deus te dê o céu ! » « Vai com Deus ! » e os carros seguiam lentos.

Fiquei muito tempo á janella, chorando sem sentir e a rua pareceu-me haver-se esvasiado, como um corpo morto, sem alma.

A' noite, em casa, commentando-se a infelicidade, alguém disse :
« Não era deste mundo. Com aquelle ar de tristeza, com aquella voz. . . Qual ! Está no céu, junto de Nossa Senhora ».

Deixei a sala devagarinho, fui ao quintal onde, tantas vezes, junto da arvore, ficara a ouvir a voz de Maria Augusta. E ouvi-a.

Espantado, olhei em volta, olhei o céu. Linda noite ! branca, todos os telhados brancos, brancos os muros, o quintal, a arvore e, lá em cima, entre estrellas, a lua. E a voz a cantar, como na procissão funérea !

De onde viria ? Que era a voz de Maria Augusta não havia duvida, mas de onde viria ? do cemiterio, tão longe ! do céu ou mesmo de mim, onde ficara, como fica a saudade, que é o que resta dos mortos ?

Tive medo e regresssei á sala onde ainda se falava da pobresinha, sempre com as mesmas palavras :

« Não era deste mundo. . . E noiva, coitadinha ! Está no céu. »

E, até hoje, em noites de luar, como a primeira que dormiu no cemiterio, debaixo da terra, coberta de flôres, lembro-me de Maria Augusta e ouço-lhe a voz. . . de muito longe, ou de muito perto : do cemiterio, do céu ou dentro do meu coração.

Estrellas

« Nosso Senhor, lá de Cima, vê tudo que se passa cá em baixo. Você faz uma coisa que não deve, pensa que ninguém descobre. Pois sim ! Nosso Senhor viu tudo, tomou nota, muito caladinho, e no dia do Juizo, um dia escuro, de relampagos e trovoadas, quando você menos esperar estará sendo chamado por um anjo para pagar o que fez ás escondidas. Então ! . . . »

E a velhinha, abrindo muito os olhos e enrugando a frente, balançava a cabeça ameaçadoramente.

E eu imaginava Nosso Senhor um homenzarrão como o meu mestre, sentado a uma mesa enorme, com a palmatoria diante do tinteiro, a relancear olhares sobreceños. E, para mim, esse terrível dia do Juizo devia ser como certas tardes lugubres quando, no final das aulas, á hora da sahida, o bedel percorria a fôrma chamando, para castigos, alumnos denunciados pelos inspectores.

Desde então comecei a ter medo de Deus, tanto ou mais do que tinha do professor. E disse-o, uma vez, á velha, que me respondeu :

— Não, meu filho. Nosso Senhor não é mau. Elle castiga como Pai, quando a gente pecca, mas quando se pratica uma bôa acção a recompensa do céu vem logo. Quando se dá uma esmola a um pobre, ainda que seja um vintem, Nosso Senhor

péga na moeda da caridade e faz com ella uma estrella. Olha lá para cima. O céu não está todo estrelado? São esmolas que Nosso Senhor recebe, porque os pobres são os seus cobradores.

Levantei os olhos. Que riqueza!

Deitei-me pensando no immenso thesouro dos pobres, guardado por Nosso Senhor.

De manhan, muito cedo, assim como sahi da cama, apanhei o meu cofre e fui-me com elle para o quintal.

Forcei-o, tirei duas moedas de vintem. Estavam tão negras de azeitavre, tão negras! que, de certo, desapareceriam, na escuridão da noite. Lembrei-me de limpá-las e, com cinza e limão, puz-me a esfregá-las; lavei-as depois. Ficaram como de ouro. Atei-as em nó no lenço e parti contente.

Era uma fresca manhan de sol. Quantas tentações me appareceram : frutas, dôces, até um vendedor de cataventos de papel. Mas não ! Resisti a tudo. Dei um dos vintens a uma preta velha, outro a um aleijado.

No collegio não pensei em outra coisa senão nas duas estrellas novas que appareceriam á noite e limpas, como eu as puzera, como haviam de brilhar !

A' primeira badalada das Ave Marias corri ao quintal para vêr as estrellas logo que sahisses. E vi ! Quantas ! Quantas !

As minhas deviam ser duas pequeninas que scintillavam bem por cima da minha casa. Que lindas ! Reconhecendo-as, sorri de orgulho. E, durante a semana, á tardinha, lá ia eu para o quintal vêr as estrellas de cada dia.

Uma manhã, porém, sacolejando o cofre, o cofre não me respondeu. Eu dera na vespera o ultimo vintem ao ceguinho do raio, um velho de grandes barbas, que esmolava junto á igreja, com um quadro pendurado ao peito em que figurava o naufragio de um navio.

E nunca, como nessa manhã, encontrei tantos pobres em meu caminho.

Triste noite vai ser a de hoje! pensava eu no collegio, cantando machinalmente a taboada. E tudo me parecia negro, como a pedra sem numeros e como deveria ser a noite sem estrellas.

A tarde foi linda, toda dourada. Ouvi o sino e começou a escurecer docemente com o ciciar das cigarras. E eu pensava na tristeza do céu deserto.

Accenderam-se as luzes. Havia tanta suavidade no ar que eu tinha a impressão de achar-me em uma igreja. Porque ? Não sei.

Meu pai debruçou-se á janella e exclamou, como em louvor :

— Linda noite !

E minha mãe :

— Parece dia !

Fui vêr. O céu estava tal qual o manto de Nossa Senhora, com a lua ao meio, enorme e alva, toda de prata. E meu pai repetiu com mais enlevo :

— Linda noite !

Compreendi. Estava orgulhoso do que fizera. Fôra elle, de certo, que dera tantas esmolas... Fôra elle. E falava para que fôsem vêr a sua generosidade. Tambem... que admiração ! Elle podia, ganhava, eu sim !... Que tinhã eu ? um cofre pequenino, onde ajuntava vintens,

tão poucos. . . Ainda assim haviam dado para fazer estrellas durante uma semana, duas por noite. Mas que estrellas ! Brilhavam de fazer mal aos olhos, porque eu não dava os vintens aos pobres senão depois de muito os arear a ponto de parecerem de ouro.

Feliz tempo ! Hoje, quando contemplo o céu estrellado, lembro-me, entristecidamente, da minha infancia ingenua.

Feliz tempo de illusões e sonhos quando a gente, acreditando em fabulas e contos, procura no céu o premio dos beneficios que faz na terra. . . e vê-os ou imagina vê-los !

O coração

Uma noite — sei lá porque! — dei para attentar nos latejos do coração.

Fechando o livro em que estudava, espalmei a mão no peito e, quieto, respirando flébil, fiquei sentindo as pulsações.

Que faria o coração tão sofrego lá dentro? Estaria a derrubar ou a construir? Ah! nesse tempo, de certo, construia: tudo era novo e o campo das illusões vastissimo. Hoje! . . .

Comparei-o á pendula do relógio: o mesmo rythmo, o mesmo incessante *tic-tac*. Ao relógio, porém, via

eu meu pai dar corda e ao coração, quem a daria? Certamente o meu anjo da guarda, á noite, emquanto eu dormia.

Com tal idéa resolvi ficar acordado, quedo, encolhido nos lençóes para o vêr chegar. Emquanto tive força resisti, mas aos seis annos há lá quem possa lutar com o somno!

Ao acordar, de manhan, o coração batia-me como sempre, ou mais forte, talvez.

Que pena tive de não haver visto o anjo! Puderá! dormira tão pesadamente que, se elle houvesse querido, poderia até ter-me levado o coração, tirando-m'o do peito sem que eu sentisse.

E antes o tivesse feito, porque, sem elle, tantos não teriam sido os meus soffrimentos e desenganos, quasi toaos devidos ao mau governo desse louco.

Flôr de jardim

O filho do visinho não frequentava a escola — o professor ia-lhe á casa. Era um velho magro, curvado, de oculos escuros, sempre de charuto á boca.

Quando eu passava com o meu pacote de livros o filho do visinho olhava-me com desprezo, por vêr-me mal vestido, correndo ao sol e á chuva para ir aprender na escola publica, entre pobresinhos como eu. Um dia, sentindo mais fundo o escarneo do menino, queixei-me a meu pai.

— Não te importes. Deixa-o lá! disse-me elle. Faze tu por ti e veremos, com o tempo, quem se rirá por ultimo. As plantas de jardim têm quem as regue; as florestas contam apenas com a chuva do céu, mas nada perdem: com as raizes sugam a humidade da terra e aproveitam toda a gota de orvalho que lhes cahe nas folhas. E são as florestas, meu filho, que nos dão as arvores fortes, as arvores que se fazem por si.

Os jardins, ainda os de maior capricho, produzem apenas flôres; as florestas dão tudo.

A escola é para todos, como a chuva do céu e o sol. Estuda, trata de aprender, não te importes com o filho do visinho. Faze por ti, aproveita o mais que puderes e deixa-o lá!

Ri de palavras taes. Mais tarde,

porém, penetrando-lhes o sentido, admirei-as. Quanto conceito em tão pequenina fabula !

Hoje, quando penso na escola onde eramos tantos, apinhados como arvores na floresta, logo me acode á lembrança o filho do visinho com o velho professor de oculos escuros e representa-se-me uma languida flôr esmaecida, regada a lentejo, gota a gota, em contraste com uma densa, frondosa floresta, sob a chuva fecunda do céu que tudo, igualmente, lava, refresca e revigora, desde a arvore mais robusta á planta mais humilde. Então a mim mesmo pergunto :

« Que será feito daquella flôr de jardim que eu invejava tanto e que se ria da minha pobreza quando eu por ella passava a caminho da escola ? »

A memoria

A memoria é o campo santo das lembranças, cemiterio espiritual onde se depositam em sagrado os despojos dos dias idos.

No cemiterio o corpo converte-se em terra inerte. Na memoria as resurreições succedem-se contínuas. O que nella adormece hyberna como as plantas e os animaes regelados que, ao calor do sol, reverdecem ou despertam.

Assim, basta um reclamo dalma para que uma recordação se levante do somno e nos figure, vivo, tal

qual foi, todo um episodio do passado; traga da profundeza do tempo uma ventura longéva.

E porque, mais que as de agora, respondem asinha ao nosso appello as recordações antigas: da infancia, da adolescencia, da juventude, da idade adulta e as recentes hão de ser tão tardas e até, por vezes, se neguem á nossa evocação?

Porque, como nos cemiterios os mais antigos tumulos são os que ficam logo á entrada, as reminiscencias dos dias juvenis acham-se á frente, emquanto que as lembranças da velhice vão indo para o fundo, acostando-se á montanha, que é a extrema da jazida funebre e, por serem muitas e confusas e restar pouco espaço para accommodá-las, são atiradas a esmo, como em valla commum.

Achar em taes acervos um epi-

sodio, destacá-lo integro é tão difficil como reconhecer numa pilha de ossadas determinado esqueleto.

As reminiscencias das primeiras revoras trazemo-las sempre floridas. Vallas cômuns, quem dellas cuida? Se alguma coisa as enfeita é a herva agreste, manto verde que a terra dá de esmola ás ruinas.

Canções

Foi de tristeza aquelle dia.

Minha mãe, desolada, ainda que ali me tivesse no aconchego do seu amor, já me avistava na desventura do lugubre destino prophetisado, como em anáthema, por meu pai: vagando, descalço e roto, com fome, pedindo esmola a troco de canções como os mendigos que vão de porta em porta e cantam plangentemente para commiserar.

Poeta !

A propria ama, compadecida de mim, fez uma promessa á Nossa

Senhora para que me protegesse contra o mau fado. E todos que souberam da minha infelicidade — visinhos, amigos, simples, conhecidos lastimaram-me, aconselhando-me a não persistir naquelle vicio de perdição.

Tive medo, medo supersticioso sentindo-me como cercado de maldições.

Tudo me parecia hostil ; as proprias arvores como que se retrahiam negando-me a sombra dos seus ramos. E os que cruzavam commigo olhavam-me de soslaio, com desprezo, desviando-se como de um leproso.

Poeta !

Mas como descobrira meu pai os meus primeiros versos, que eu escondera como um furto nas paginas do dictionario ? !

E' bem certo que o coração dos pais adivinha.

Jurei a mim mesmo nunca mais escrever canções, ainda que os versos me affluissem promptos, com imagens e rimas, como vêm á haste as flôres com a côr viçosa e trescalando arôma.

A' noite, tarde, no silencio da casa apagada, já deitado, ouvi cantar dentro de mim, muito longe, numa suave saudade.

A voz era meiga e, até de madrugada, rimei ás escondidas, nalma, canções formosas, que se perderam porque nunca as escrevi para que meu pai as não achasse, irritando-se com ellas e fazendo chorar de tristeza minha pobre mai.

Eis porque não conservei as canções da minha adolescencia quando, sem ainda amar, já decantava o amor, como se sente a luz antes de vêr sol.

O deserto

O deserto !

E dizer-se que esse mortorio foi oceano !

Quando o khamsin assopra, as arêas levantam-se em turbilhões, incham em dunas movediças, rolam em madria secca, impam em escarceus saibrosos : é o deserto a recordar-se de quando foi mar roleiro, cortado a proas altas, hoje espesinhado a patas de meharis, a cascos de ginetes, calcurriado por nomadas em caravanas.

As arêas jaziam, então, occultas

no abysmo como o esqueleto num corpo. O oceano seccou e, com a esterilidade, desapareceu toda a vida na sua profundez. Ainda hoje, porém, o dibra que atravessa o escampo encontra no areal adusto residuos da fauna equorea e no espaço, á hora da zina solar, avista miragens, espectros das cidades que assentavam ao longo das praias do antigo oceano e que pereceram no mesmo cataclysmo que o levou.

Grande mar, ora bonança, ora tempestuoso, eis o que resta de ti!

Verde, outrora, e fecundo, és hoje amarello, resequido areal, tabida ossada oceanica reduzida a pó.

Assim eu.

Quando me lembro do que fui no tempo da mocidade e comparo-me com o que hoje sou, chamo ao

deserto meu irmão. Sahara, dantes oceano, hoje páramo arenoso.

E como no Sahara ainda se encontram conchas, remanescentes da vida que pullulou no abysmo glauco, e formam-se miragens aereas, fantasmas das cidades do immenso e opulento littoral oceanico, na minha memoria, de quando em quando, surgem reminiscencias de venturas e os meus extinctos ideaes de antanho afiguram-se-me redivivos no céu, que é o além da morte, transformados em fé, miragem da esperanza, minha riqueza na juventude que, pouco a pouco, se desvaneceu em cataclysmos de desillusões.

Velhas chapas

Sim, velhas chapas. . .

Tenho-as todas archivadas em escaninhos, em uma camara escura.

Tomo, de quando em quando, uma de taes, ao acaso, exponho-a á luz e logo começa a memoria a revelar-se e uma scena ou figura do passado fixa-se em lembrança.

Quédo-me a contemplá-la commovido e quantas vezes se me arrsam os olhos d'agua diante de taes imagens peregrinas.

Assim como uma photographia antiga nos transporta instantanea-

mente a dias transcorridos, assim essas reminiscencias, que nos occorrem, subitas, fazem-nos volver ao que foi e ao que fomos, despertam mortos, restauram o que não mais existe, recuando-nos para além do horizonte que avistamos ás lindes que no tempo se sumiram.

E' por andar sempre a revelar chapas antigas que tenho constantemente á vista o que passou.

Apezar de viver entre outras gentes, em uma cidade outra, em tudo differente da que, em menino, conheci, meu coração continúa a sentir os que amou e que o amaram, os de outrora, hoje mortos, e revê-os, e as casas, as ruas, a paisagem de antigamente, sombras que se levantam da saudade, como resurgem nas velhas chapas as imagens photographadas.

O futuro

Palavra a todo o momento pronunciada, tanto eu a ouvia de meu pai, de minha mãe, das pessoas intimas que se interessavam por mim que ella foi, aos poucos, adquirindo, a meu vêr, prestigio talismânico como o da phrase com que Ali-Babá, na historia, consegue arredar a rocha que fecha a caverna dos ladrões.

Se eu prolongava os meus brinquedos, se me demorava na rua, se me deixava ficar na cama preguiçando, se cabeceava sobre os livros

lá vinha a palavra e sempre engastada em phrases severas :

« Olha para o Futuro ! Pensa no Futuro ! »

Que seria o Futuro ?

E eu imaginava tudo dentro dessa palavra — saúde, riquezas, honras, gloria. . . sei lá !

Brincando, era interrompido pela voz terrivel e logo corria aos livros. Cedo, ainda escuro, em manhans de frio, deixava a cama pela mesa de estudo. A' noite, quanta vez lutei com o somno e até a dôres resisti tudo por medo da tal palavra que eu ouvia sempre, ora em resmungos amuados de meu pai, ora em promessas carinhosas de minha mãe ! E se me queixava do excessivo rigor com que me prendiam, respondia-me a ameaça :

« Deus queira que te não arrendas no Futuro ! »

Tanto ouvi essa palavra que ella se me incutiu na consciencia e, pela vida adiante, ainda que não mais a ouvisse das bocas que se calaram na morte, ouvia-a dentro de mim, em echo, e ainda a ouço contando sempre com o que nella se me annuncia.

Infelizmente, porém, essa palavra que me não deixa, desde pequenino e pela qual tanto me sacrifiquei, foge á minha frente como recuam os horizontes diante dos peregrinos.

O Futuro . . . Onde está elle ? Porque o não alcanço ? Que mysterio é esse que me traz illudido desde a infancia e, ainda agora me engana : o Futuro ?

E sigo, começo a curvar-me ao peso do Tempo, inclino-me para a

terra. . . E o Futuro ? Quem sabe lá o que elle é e onde se esconde.

Sombra que me seguiu de manhan, sombra que vai na minha frente á tarde, sombra que me ha de envolver na noite eterna. . . o Futuro ! . . .

Toda uma vida em busca da illusão.

A visinha

Sete annos, talvez nem tanto tinha eu quando isto foi.

Uma noite, estava eu brincando com os meus soldadinhos de chumbo; quando a visinha, que se achava de visita em nossa casa, chegou-se a mim e, passando-me maciamente a mão pelos cabellos, disse a minha mãe :

— E' sempre uma companhia. Tudo é a gente não estar só, sentir alguém comsigo. A escuridão amedronta, uma lamparina, entretanto, é quanto basta para desassombrá-

la. Mamã, volvendo para mim os olhos meigos, falou-me com um que de tristeza, acariciando-me o rosto :

— Vais hoje fazer companhia á vizinha, que está só.

E a vizinha ajuntou sorrindo :

— Serás o meu maridinho enquanto o outro não chegar. Queres?

Sorri contente a uma e outra e, guardando, ás pressas, os meus soldadinhos, tomei a benção a mamã. E fomos.

A vizinha era linda e o que eu nella mais admirava eram os olhos grandes, verdes e pestanudos, que pareciam dois medalhões em uma parede muito branca.

Não fiz caso dos dôces que ella me deu, tão encantado estava pela casa toda forrada de papel claro, com figuras e flores, as janellas veladas a cortinas, reposteiros ás

portas, flores frescas em vasos, os moveis muito reluzentes e o soalho escorregadio e brilhante. Casa pequenina, encolhida, aconchegada, cheia de tapetes e com as cadeiras vestidas, como se sentissem frio.

A vizinha despiu-me, deitou-me na cama larga, de travesseiros altos. Na mesinha de cabeceira a lamparina ardia dentro de uma flor de porcellana azul.

O colchão era macio como um collo e o travesseiro tão fôfo que a minha cabeça afundou entre dois seios.

A vizinha parecia procurar alguma coisa ás tontas: sahia, entrava cantarolando baixinho. Parou, por fim, diante do espelho e, soltando os cabellos, pôz-se a penteá-los devagarinho. De repente apagou o gaz e a luz branda da lamparina espalhou-se em poeira loura.

O quarto encheu-se de sombras tremulas como as que ondulam nagua, e o vulto airoso da vizinha movia-se como atravez de uma nevoa, com finas irradiações de ouro dos cabellos.

Houve um arrufado sussurro de roupa, o baque de um sapatinho, de outro, passos molles, surdos no tapete e a cama arfou, como se suspirasse. Suave calor correu-me arripiadamente pelo corpo a um leve, avellulado contacto liso e arisco. E a vizinha, inclinando-se sobre mim, perguntou-me baixinho :

— Já estás dormindo ?

— Não senhora, respondi num fio tremulo de voz.

Crebros sons, como azoado zumbir de abelhas, encheram-me os ouvidos.

Tive medo. De que ? Não sei. . .

Sete annos, talvez, tinha eu quando isto foi e até hoje. . .

Ressurreição

A saudade, flor da memoria, ao invés da sensitiva, que se confrange, tímida, ao mais leve contacto, desabotôa se por ella, subtil, deslisa uma lembrança. Como á açuena é á noite que mais se lhe aviva o aroma.

Sob a apparencia de morte, conserva a vida latente, e, para que resurja, como reverdece a rosa de Jerichó, se a molham, ou como resôa a harpa eolia á aragem basta que uma reminiscencia nella esperte.

Então recorda, e recordar é tanto

como abrir tumulos, trazer a morte á vida, resuscitar, emfim, ainda que, por instantes, como o relampago nos dá na treva da tormenta a visão ephemera da luz.

O alfarrabista

Era na rua S. José, quasi á esquina da rua da Ajuda, uma casa baixa, de tres portas. Tudo era ali velhice : o predio, os livros, o dono, os freguezes.

Quando eu lá ia, as mais das vezes á noite, era certo encontrar velhotes examinando livros ou em cavaqueira com o alfarrabista. Eu encostava-me ao balcão e punha-me a folhear obras illustradas, ouvindo o sussurro monótono das conversas, ás vezes, exaltadas, em discussões que obrigavam o dono da casa a

recorrer ás prateleiras ou aos cafundós entulhados da loja, de onde tornava com exemplares de edições raras, que exhibia aos palreiros.

Eu admirava aquelle homem, que conhecia tantos livros, quantos? sabia eu lá!

Chegava um freguez, pedia-lhe uma obra, fosse o que fosse — lá ia elle arrastando os passos, direito ao lugar em que a tinha e trazia-a. Não fariam tanto os meus mestres, homens formados, de fama, e aquelle velhote, tão simples, tinha tudo na cabeça, um mundo do autores gregos, latinos, ingleses, franceses, hespanhóes, italianos... Portugueses, então, isso... eram todos!

Uma noite, lá entrando, achei-o só, a cochilar diante da escreva-ninha alta. Fui-me direito aos livros de figuras e folheava um delles quando o velhote deu por mim:

— Sempre a vêr figuras, han ? Isso é nada. O melhor dos livros está nas letras ; o resto. . . e esticou o beijo com desprezo. Isso de figuras, capas de luxo, lombos dourados, são enfeites ; util é o que está impresso. Tenho ali dentro uns bacarmartes, poucos, que não dou por todos esses livrecos enfeitados, que ahi estão. Em livros o que se quer é o miolo. E desceu do banco, dirigindo-se a mim :

— Olhe, vem por aqui, de vez em quando, um senhor, velho, talvez mais do que eu, de casaco no fio, que vale mais, elle só, do que muitas academias. Dizem-no de sangue fidalgo. A gente, ao vê-lo, tem até vontade de lhe dar esmola. Pois aquillo é que é saber ! E quantos pelintrotés me entram por esta loja dentro, muito embonecados e cheios de empafias, á procura de

livros que eu tenho até vergonha de vender. E' assim. Vêr livros e vêr homens é tudo o mesmo, quando a gente os conhece.

Animado por aquella prova de confiança que, pela primeira vez, me dava o alfarrabista, naturalmente porque não tinha os velhotes para a palestra, disse-lhe :

— O senhor é que deve saber muito.

Elle levantou a cabeça empennujada a falripas e encarou-me, risinho :

— Saber muito ? Eu ? Porque diz isso ?

— Ora, porque... Vivendo no meio de livros, como vive, conhecendo-os, como os conhece... Pois eu não vejo ?

— Está você enganado, menino. Quem me dera conhecer um só delles ! Um só ! Vendo-os, isso

sim ! Dahi, porém, a conhecê-los vai muito. Nós, livreiros, somos como certos millionarios que vivem na riqueza sem aproveitá-la : ajuntam, ajuntam para os herdeiros. Se eu disser a você que mal sei fazer uns garranchos para assignar meu nome . . . Que quer ? Filho de pobres, não cheguei a andar um anno na escola, sahi logo para o mundo, a cuidar da vida. Sei apenas o bastante para acertar com o titulo das obras e os nomes dos autores. O mais é pratica : são sessenta annos de livraria, a ouvir os que sabem, a comprar e a vender.

Camões, Vieira, Bernardes, Lucena, Camillo, Garret, Castilhos e estrangeiros, conheço-os a todos pelos nomes, só pelos nomes. Você, menino como é, com certeza sabe mais do que eu.

Olhe, os mineiros que tiram o ouro da terra, que passam a vida inteira no fundo das minas, acabam, ás vezes, na estrada, com as unhas roídas pelo pedregulho do ouro, sem um catre para morrer. Assim sou eu.

Vivo aqui no meio de livros, comprando-os, vendendo-os, velhos e novos, de tudo : coisas de poesia, romances, historia, linguas, religiões, sciencias e, entretanto, para lêr uma noticia nos jornaes sabe Deus o que me custa. E' assim, meu menino : nós somos como os mineiros que passam a vida escavando ouro e acabam sempre na miseria... tendo enriquecido a muitos. Os livros são para quem os compra, meu menino.

Hoje, lembrando-me do velho alfarrabista, vejo, atravez da sua

phrase, a dolorosa verdade que também se ajusta á minha vida :

Os livros são para quem os compra ! . . .

O meu cofre

Oh ! se me lembro ! Era um lindo cofre de crystal com fecho de ouro, cheio de esperanças. O meu prazer era expô-lo ao sol para o vêr brilhar.

« Não andes com esse cofre por toda a parte, diziam-me. Podem roubar-t'o e, se te cahir das mãos, fragil como elle é. . . »

Eu ria de taes conselhos.

— Como é lindo ! exclamavam todos, e eu, contente e orgulhoso, abria-o para mostrar o meu thesouro. Um dia pediram-m'o para vê-lo. Tolo que eu era ! Dei-o. Tanto

a pessoa o virou nas mãos, tanto o abriu e fechou que, por descuido ou maldade, o deixou cahir nas pedras.

O que eu chorei ! Puz-me a apanhar os cacos : um, aqui ; outro, ali.

Vendo-me alguém em tal trabalho interrogou-me :

— Que andas a procurar nas pedras do caminho ?

— Os pedacinhos do cofre das minhas esperanças. Quebraram-m'o. Quero vêr se o concérto.

— Concertá-lo ! . . . Cofres desses, uma vez quebrados, não ha concertá-los mais. Por mais que busques, sempre faltará um nadinha e pelo orificio que delle ficar ir-se-á tudo que no cofre houver.

Palavras verdadeiras !

Tanto catei entre as pedras os minimos fragmentos que, pacientemente, consegui recompor todo o

cofre. O que lhe ficou faltando era tão pouco que só eu o percebia. Esse pouco, entretanto, era tudo porque por ahi se escoaram todas as minhas esperanças.

Vasio, fiz com elle o que se faz com os vasos delicados que exigem peso para firmar-se onde ficam : enchi-o de saudades, arêa do coração, sobre a qual rolam os dias, que são as ondas do tempo, depositando no fundo tudo que nelle cahe.

Cofre da minha ventura ! . . . Até hoje procuro o escassilho que lhe falta, tão pequenino, mas que abriu uma fenda quasi imperceptivel por onde se foram todas as minhas esperanças e por onde entram as desillusões.

Bem me haviam dito :

« Cofres desses, uma vez quebrados, não ha concertá-los mais ».

Lagrimas

A casa, em desarranjo de fadiga, recendia a cera e a flores murchas.

Na surdina de vozes cochichadas sentiam-se lagrimas como se adivinhas, por entre o sussurro languido das folhas, o derivar, vagaroso e manso, de um fio d'agua occulto.

O cão ia e vinha, arisco, farejando o soalho, os moveis, as pessoas ou, fincando as patas, arrebitava o focinho como se houvesse encontrado no ar o rastro do que se fôra.

Antes me não houvessem chama-

do de tão longe para chegar inutilmente, depois de tudo acabado.

O coração inchava-me no peito

Mas onde se me teriam escondido
as lagrimas ?

A dôr intensa esterilisa. Como nos dias caniculares, com o céu tempestuosamente denegrado, o calor estúo estanque, atrôam trovões surdos e inflammam-se relampagos zebrados de coriscos, sem que das nuvens caia uma gota dagua, assim em minha alma accumulavam-se agonias afusiladas de lembranças e reminiscencias, lagrimas, porém, nem uma!

E eu tinha vergonha de não chorar.

« Que indiferença! diriam. Nem uma lagrima pelo pai! »

E eu pedia-as intimamente, pedia-as como os roceiros rezam pedindo chuvas quando o sol lhes resecca e mata as plantações.

E os olhos áridos, adustos, requeimando-me !

Quando ficamos sós na casa fechada, mamãe abraçou-se commigo falando-me delle, dos seus ultimos instantes.

O cheiro da cêra e das flores murchas tornou-se mais forte no abandono em que ficamos, ella e eu, na treva do luto.

Recolhi ao meu quarto.

A casa adormeceu cançada. Sentei-me á beira da cama : olhos fitos na escuridão da sala, ouvidos á escuta no silencio.

'Senti que alguém se aproximava sem ruido'. O coração cresceu-me ainda mais tomando-me todo o peito.

Regelei.

O relógio poz-se a bater vagaroso e grave, horas enormes e re-

boantes que pareciam rolar dalto, uma a uma, cheias, pesadas. Contei doze.

A ultima foi a mais longa, custou a entrar no silencio, como certas abelhas retardatarias que esvoaçam, zumbindo, em volta do cortiço antes de inflectirem ao aivado.

Estremeci em arripio, como se uma rajada gélida de inverno me houvesse retransido. E tal desaba, em furia violenta, a primeira bátega da tempestade, assim me rebentaram as lagrimas dos olhos.

Tu bem as viste, meu pai! Tu bem as viste, porque estavas ali commigo! E foste tu que as arrancaste do meu coração para que eu não percesse na enchente que subia em saudades, desde a minha infancia pequenina, quando me levantavas no braços até a ternura dos teus

olhos azues, para que brincasse, á luz do teu sorriso, com a neve das tuas barbas e dos teus cabellos brancos.

boantes que pareciam rolar dalto, uma a uma, cheias, pesadas. Conteidoze.

A ultima foi a mais longa, custou a entrar no silencio, como certas abelhas retardatarias que esvoacam, zumbindo, em volta do cortiço antes de inflectirem ao aivado.

Estremeci em arripio, como se uma rajada gélida de inverno me houvesse retransido. E tal desaba, em furia violenta, a primeira bátega da tempestade, assim me rebentaram as lagrimas dos olhos.

Tu bem as viste, meu pai! Tu bem as viste, porque estavas ali commigo! E foste tu que as arrancaste do meu coração para que eu não percesse na enchente que subia em saudades, desde a minha infancia pequenina, quando me levantavas no braços até a ternura dos teus

olhos azues, para que brincasse, á
luz do teu sorriso, com a neve das
tuas barbas e dos teus cabellos
brancos.

O vagalume

Os annos são mais vivazes nas mulheres abrindo-lhes o coração mais cedo do que aos homens.

E' proprio das plantas delicadas serem mais sensiveis ao sol do que as arvores robustas, que exigem muito tempo para crescer e florir.

Tinhamos, pouco mais ou menos, a mesma idade, ella, entretanto, conhecia segredos intimos da vida que, para mim, eram ainda mysterios.

Só uma vez a venci em conhecimentos, explica-se, porém, que tal

se desse porque, sendo ella da cidade, pouco sabia das coisas da natureza, que mais se aprendem na roça onde tudo se nos apresenta tal como sahiu das mãos de Deus, sem artificio algum.

Foi assim que, uma noite, acercando-se della um vagalume — era, talvez, a primeira vez que via dessas moscas da sombra, que se alumiam a si mesmas — levantou-se para fugir-lhe, com medo de que a queimasse.

Ri-me do seu pavor e, para mostrar-lhe a innocencia do insecto, tomei-o em dois dedos e apresentei-lh'ó vaidoso. E ella, ao vê-lo fulgir sem offender-me, perguntou maravilhada :

— Não queima ?

E, posto que ainda medrosa, atreveu-se a imitar-me, só, então, convencendo-se do que lhe eu dissera.

— E' curioso ! exclamou.

E poz-se a examinar minuciosamente o insecto, sorrindo ao vê-lo lampejar. Por fim, encarando-me, asseverou convicta :

— E' verdade ! Não queima !

E eu, fitando-lhe os olhos lindos, tambem sorri e disse, sem que ella percebesse a intenção das minhas palavras :

— Se toda a luz queimasse sei de alguém que já estaria cega.

— Quem é ? perguntou ella, alumiando-me com o olhar.

Não tive coragem de lh'o dizer.

Das Dôres

Simplificavam-lhe o nome em Das Dôres.

Era alta, fina, muito branca e airosa á maneira dos lírios, e, com os longos cabellos soltos, o seu rosto, emmoldurado em negro, parecia um camafeu lavrado em onix.

Tinha eu, então, doze annos e ella quinze.

Brincavamos de namorados e ella abraçava-me, envolvendo-me na treva cheirosa e macia dos cabellos.

Se as flores falassem, seria com

arôma igual ao que lhe sahia da boca húmida e vermelha.

Nesse tempo a minha leitura predilecta eram os contos de fadas.

Uma tarde, achando-nos sós na sala, Das Dôres apertou-me nos braços, perguntando-me tremulamente:

— Porque me olhas assim ?

E eu respondi sorrindo :

— Porque me lembro de uma historia em que ha um palacio, todo de marmore, onde jazem duas princezas encantadas, vigiadas por dois gigantes negros como os teus olhos.

— E as princezas ?

— São as meninas.

Ella estremeceu trincando o lábio e, agarrando-me a cabeça a mãos ambas, collou, com ansia, a sua boca á minha como se m'a quizesse esmagar e um beijo immenso desceu pesadamente em minh'alma.

Correram annos. A vida separou-nos.

Um dia annunciaram-me uma senhora. Mandeí-a entrar.

Chegando á sala dei com uma velhinha murcha, encolhida humildemente a um canto, torcendo as franjas do chale que lhe envolvia o busto magro. Ao vêr-me levantou-se tímida e, de cabeça baixa, como envergonhada, disse-me o seu nome : Das Dôres,

Num impeto recuei ao passado e só achei ruínas. A desgraçada, com a sua presença, destruiu o encanto da minha mocidade.

O que se perde no passado deve lá jazer para o sempre como ficou nas profundas do mar a taça do rei de Thule.

A morte da casa

Entre os dias, porque havia justamente de ser esse o da minha levada áquella rua aonde eu nunca mais tornára desde que della sahira? Houvesse ali passado na vespera e teria ainda encontrado a casa de pé, intacta; uns dias mais e acharia apenas o chão vasio de tudo que, então, me recordava saudosamente o tempo que se depositou no meu coração, como a arêa escoada assenta no fundo da ampulheta.

A minha casa!

Demoliam-na sem pena despin-

do-a das paredes que a recatavam, como se a expuzessem, núa, aos olhos de todos, desde a sala, até a mais intima das suas alcovas.

Ali estava ella destelhada, toda ao sol, com as pedras e os tijollos dos seus muros em montes, o seu velho e poído madeiramento em pilhas e, ás soltas pelos escombros, retalhos de papeis varios, como pedaços de pelle.

Por elles, um a um, eu reconstruia e reanimava os aposentos de onde os haviam arrancado : o azul, com frisos de ouro, da sala de visitas ; o de paineis de caça, da sala de jantar ; o de ramalhetes, do meu quarto : ramalhetes de flores imaginarias que, entretanto, enfeitaram e perfumaram a minha infancia e a minha adolescencia.

Em uma das paredes do que fôra o meu quarto restava uma cruz

em mancha. Era a sombra do crucifixo que velava á minha cabeceira.

As proprias paredes têm memoria. . .

Na fina poeira que se espalhava em nuvens de ouro, ao sol, que sombras seriam aquellas que meus olhos, só elles, percebiam ?

Pobres manes !

E os lugares da casa, os queridos lugares !. . .

Ali ficava a mesa de jantar e, junto della, a cadeirinha em que mamãe cosia. Pouco adiante a preguiceira de lona, onde meu pai, á noite, com a porta aberta á viração, dormitava o seu primeiro somno.

O meu quarto, a minha cama de ferro, a minha mesa de estudo e campo de manobras dos meus soldadinhos de chumbo.

E junto á janella, onde oscillava a gaiola do canario, era o reino

encantado da velhinha que, no silencio das horas recolhidas, me falavra de genios, principes e fadas e das maravilhas das *Mil e uma noites*.

Rolaram vigas com estrondo, toda uma parede aluiu. E a casa, pouco a pouco, ia revertendo ao pó, como um corpo humano.

Pobre cantinho de saudade ! Cantinho da minha pobreza feliz ! Ninho dos meus primeiros sonhos ! Casa dos meus pais. . . Meu lar !. . .

Dos teus moradores naquelle tempo só um ficou na vida para assistir-te na morte.

Amanhan haverá uma casa nova no chão que foi teu e outros a encherão de vida até que lhe chegue, a seu turno, o dia de morrer, como te chegou a ti, nascedouro, que foste, das minhas primeiras illusões.

.
Porque havia eu de passar na-
quella rua .justamente no dia em
que se desmantellava ás mãos dos
homens o agásalho carinhoso de
onde sahi de coração puro e olhos
innocentes para as tempestades da
Vida ? !

O meu castello

Não ha palacio de rei que se compare, em grandeza e esplendor, ao castello que erigi em região agreste, onde nem sussurro chegava da vida tumultuaria.

Architectado em um blóco, as suas torres, crivadas de ameias, topetavam com as cristas das mais altas montanhas e, quando se abriam no céu as auroras boreaes, chovendo limpidas estrellas, elle accendia-se em brilhos diamantinos.

Era todo de gelo o meu solar.

Immenso ! Nos seus vastos salões

e pateos e ao longo das galerias diaphanas, o frio era de transir. Nos jardins hyalinos, as flores de crystal, quanto mais aspero era o inverno, mais viçosas reluziam.

E eu era o soberano de um povo taciturno, todo de sombras pallidas : aulicos e guerreiros, pagens e damas, famulos e escravas de formosura como jámais hei visto. Se, porém, eu me chegava a alguma de taes sombras, logo, como por encanto, fosse qual fosse, desapparecia.

Tudo se evaporava á minha aproximação e, poderoso, eu era um fraco ; rico, era pauperrimo ; cercado de numerosa grey, vivia sempre só ; senhor das mais bellas mulheres do mundo, não achava uma que recebesse os meus beijos e, tendo diante dos olhos lautas, floridas mesas de festins, curtia

fome como o mendigo que esmóla á beira dos caminhos.

Um dia, cançado de tanta invernia e de tanto engano, pedi a Deus um raio de sol que me alumiasse e aquecesse. E veiu o sol.

Ai! de mim... Todo o alteroso castello, que abarbava com as cumiadas mais altivas, fundiu-se com tudo que nelle havia, correndo, em rio, para o oceano.

Fiquei como o naufrago que as vagas arrojam a ilheu deserto. E aqui estou em miseria e sem animo de pôr mãos á obra nova.

Consumi toda a minha descuidada mocidade construindo um castello de gelo que, ao dar-lhe em cima o sol, desfez-se com tudo que continha.

Pobres das minhas illusões! Pobre de mim!

Porque, em vez de obra tão trabalhosa e tão fragil, não fiz eu, como o pastor da montanha, uma simples cabana de lodo e palha?

Quanto tempo perdido em construcção que se converteu em agua de levada, agua que vai fluindo melancolica, movendo corações sensiveis, até perder-se no esquecimento!

E, todavia, apesar do desamparo em que me acho, por haver empregado tão mal toda a existencia, tenho saudade do castello de gelo, povoado de sombras pallidas, no qual passei em soffrimento os melhores dias da minha vida.

A fogueira

Fôra-se de todo a claridade que a fogueira, então reduzida a brasas tibias, momentos antes espalhava em volta. Reanimá-la, como ? se eu apenas dispunha de um pouco de folhas seccas. Ajuntei-as á pressa, achegando-as ao lume tenue.

Sentindo-se do calor as folhas encolheram-se encarquilhadamente. Logo um fio de fumo exiguo exsurgiu terebrante ; uma centelha faiscou desenvolvendo-se em corisco que vermiculou, sesgo, por entre as versas. Era o lume que revivia.

Então debrucei-me ansioso e, sem pensar no que fazia, soprei o rescaldo á boca cheia.

As cinzas revoltearam em surto, envolveram-me o rosto empanando-me aridamente os olhos. Não fossem as lagrimas, que logo os inundaram, e não sei se elles teriam resistido ao queimor vivo.

Por que havia eu de tentar o absurdo? A chamma não se reanima senão a troco de combustivel. Cinzas não se reaccendem e, sopradas, revoltam-se.

Quando, reabrindo os olhos, contemplei a fogueira, já as folhas seccas se haviam consumido, as derradeiras brasas vasquejavam e do que fôra clarão, flammejo alegre e crépito, restava apenas o cineral.

E a noite, calada e fria, com estrellas morticas, ficou dominando o campo escuro e tácito.

Por que insistir em evocações do passado? O que se queimou não torna a lume. Debruçar-se sobre dias idos, tentar reviver a Juventude é tanto como soprar um fogo morto. Folhas seccas, que valem? Saudades não bastam para alimentar a vida e, se alguém se obstina em revoca-las soffre, como eu soffri, tentando reavivar a sopro a fogueira que, em vez de chammas, com cinza apenas respondeu á minha tentativa insana.

Ruínas

Vinga-te da Eternidade, ó Tempo pérfido! Vinga-te desmantellando o abrigo em que Deus a installou.

Como não a podes vencer vais, pouco a pouco, demolindo a sua habitação, como fazem senhorios crueis quando se querem livrar de maus inquillinos. Covardia sem nome a tua, ó Tempo!

Pobre corpo, casa de aluguel construida de barro fragil! Começas a esboroar-te e tomas uma cor

livida como a das folhas, no outono, e todo te engelhas em lesins.

E tu, Alma, minh'alma, mantens-te a mesma, com todos os desejos alerta, com todo o vigor que tinhas quando, na manhan da mocidade e ainda pelo dia adiante, debruçando-te á janella dos olhos, contemplavas a Vida em pleno sol.

Porque ha de a Alma resistir sobre escombros, invulneravel ás frechas do Tempo, exposta ás tentações infernaes, como Job no fumeiro de Hus? Porque não acabar com o corpo, envelhecendo com elle, perecendo com elle, como se extingue o arôma quando murcha a flor?

O que mais dóe em tal contraste é a ironia da Vida que prosegue e,

como as ruínas são lugubres e desconfortáveis, todos lhes refogem á sombra. A Alma, entretanto, chama pelos que transitam, brada-lhes afflicta, acena-lhes ansiosa e desejosa. Debalde ! Todos a desprezam. Alguns fazem mais : injuriam-na com a esmola da Piedade.

Supplicio tremendo o do enter-rado vivo ! Lá fóra a Vida e a Alma, sentindo-a, avistando-a inveja-lhe a ventura e a Vida foge-lhe, evita-a por vê-la alapardada em ruínas, coberta de hera, vegetação tristonha e inflórea da velhice.

Não seria melhor que a moradora morresse antes da casa ou que succumbisse com ella no desabamento ?

Tristes dos que envelhecem conservando nalma o viço da mocidade !

A grande saudade

Porque ha de ser tão desigual em sua acção o Tempo ? Tu, Cidade, quanto mais annos ganhas mais te renovas e aformoseas. Nós. . .

Os teus anfractos, Cidade, os teus campos de pascigo, as tuas hortas aguadiças, o teu humilde casario colonial, de telhados limosos, desapareceram e nos sitios em que, dantes, eram ora avelludam-se gramados, florecem jardins, avultam construcções titanicas ou sorriem, por entre moutas floridas, villas graciosas.

E os homens de antanho passam como sombras por essas metamorphoses.

Com a mesma foice lavras e mutilas ; com o mesmo halito revijas e regelas.

Porque tanta desigualdade, ó Tempo ?

Na Cidade o ferro, que é o teu symbolo, opera como o do lavrador nas terras de grangeio ; nos homens golpêa vincos e o teu halito gélido aneva-lhes os cabellos. Porque ?

As tuas ruas, Cidade, dantes estreitas e tortuosas, expluindo hermagens pelos intersticios dos lagêdos, estendidas em renques de casebres, sombrias em pleno verão e enlameando-se espapaçadamente ao mais brando chuvisco. . . foram-se. Hoje os que por ellas transi-

taram revêm-nas em miragens no horizonte longinquo da saudade.

E as chacaras dos arrabaldes, tão remotos outr'ora, hoje tão proximos ? E os campos de verde-gaio, vastos, com uma cabaninha perdida, á maneira de ilha no oceano ? E os riosinhos orlados de açucenaes, que desciam, traquinas, até o centro mais povoado, trazendo folhas e flores das florestas ? E o arvoredos umbroso das montanhas que, ás vezes, se vestiam de nuvens ? tudo, enfim, que eu conheci e tanto amei desde a infancia e pela mocidade além ?

E as gentes : velhinhos, moços e crianças ? E' crível que todos já se hajam recolhido ao seio da Morte ?

E os pregões das ruas, os alegres pregões dos vendedores de tanta coisa, porque se calaram ?

Porque não retinem, claros ou não rebôam soturnos os sinos que enchiam os ares de revoadas de sons ? E as festas : festas de igreja com palanque no adro juncado de folhas de canella e mangueira, fogos de artificio, barracas, circo de cavallinhos, perto, estrondando zabumbas ? E as cavalhadas, com torneios de cannas entre christãos e mouros ? E as festas de gala, com luminarias ? E os bailes, os jogos familiares, as feiras, os ranchos pastoris de Natal, as serenatas em noites de luar ? . . . Que é feito de tudo isso ? Eram velharias, levaste-as da Cidade dando-lhe em tróca o que hoje a exorna e movimentat tumultuosamente.

E, se assim procedes com a Cidade porque sómente em nós te

acirras, Tempo injusto ? Porque não farás connosco o que fazes com ella transformando-a e rejuvenecendo-a ?

Os proprios dias e as noites não são os mesmos de antigamente — outra é nelles a luz ; outros são os ruidos ; outras as musicas ; outros os divertimentos — tudo é novo.

Está para nós a Cidade como o leito dos rios para as aguas — elle jaz, permanece ; ellas passam em curso para o mar largo, perdem-se no verde immenso e de tudo que reflectiram na defluencia sonora nada lhes fica.

Mais felizes do que nós, sem duvida, são as aguas versáteis, por isso correm leves, ligeiras, allivadas do que tanto nos pesa, isso que chamamos — saudade.

Arruinam-se, perecem as construcções urbanas, vão-se-lhes os escombros levados em enterros, fica o chão raso. . . Tal sumiço, porém, é como o das sementes que, encovadas, rebentam com a primavera, ex-surgem ao sol e viçam em plantas que dão flor e fruto.

Nós . . . pobres ephemeros que somos! Nós acabamos a pouco e pouco, uns lentamente, agoniadamente, em vasquejos torturados; outros a subitas, num sopro, como se apaga nas lampadas a chamma.

Quando eu conheci a Vida, em ti, Cidade, tinhas o ar merencoreo de uma mendiga ao sol.

Viste-me pequenino e eu lembro-me de ti, encarquilhada em becos lugubres, em travessas sórdidas, com

umas casas baixas, lugubres, sempre fechadas como cacifros de catacumbas. Hoje ! . . .

Porque ha de ser assim desigual o Tempo, remoçando a uns e envelhecendo a outros ?

Que saudade de ti, 'das tuas ruínas, Cidade que eu conheci decrepita no tempo da minha infancia e atravez da qual, hoje moça e formosa, arrasto penosamente a minha velhice triste.

ERRATA

Na pag. 173, linha 3, onde se lê — *onde se depositam* — leia-se — *onde jazem*.

INDICE

	Pag.
O que me resta.	7
Vida e morte	17
A primeira palavra	21
Somno de criança	25
O presente do ceu.	29
Conto de fadas.	33
Os vinte e cinco irmãos	37
O anno novo	41
Historias	45
Ninharias.	51
A cigarra do cemiterio	53
Piedade	61
In extremis	67
A camisola da arvore.	71
Em recolhimento	75
Tres sorrisos	77
O meu Talisman	83
A ceguinha	87
Reminiscencias.	91
A doceirinha.	95
Agua parada.	99

	Pag.
A roseira	101
No consultorio	105
A bôa nova	109
Minha escola primaria	113
A comida do fogo	117
Luar.	123
O mealheiro	125
A peregrina	129
Nosso Senhor	131
Buena-dicha	137
Sombras	141
Illusões	145
O Anjo cantor	147
Estrellas	159
O coração	167
Flor de jardim	169
A memoria	173
Canções	177
O deserto	181
Velhas chapas	185
O futuro	187
A vizinha.	191
Resurreição	195
O alfarrabista	197
O meu cofre.	205
Lgrimas.	209
O vagalume.	215
Das Dôres	219
A morte da c	223
O meu castello	229
A fogueira	233
Ruinas	237
A grande saudade.	241

